

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA CULTURAL

**EXPERIÊNCIAS DE UM CARNAVAL NÃO-ORGANIZADO:  
A tradição de um bloco de sujos na Capital Federal.  
(1978 – 2009)**

**ALISSON LACERDA DE ANDRADE**

**Brasília (DF)  
2009**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA CULTURAL

**EXPERIÊNCIAS DE UM CARNAVAL NÃO-ORGANIZADO:  
A tradição de um bloco de sujos na Capital Federal.  
(1978 – 2009)**

**ALISSON LACERDA DE ANDRADE**  
(matrícula: 07/68791)

Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, como  
parte dos requisitos para obtenção do título de  
Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. José Walter Nunes

**Brasília (DF)**  
**2009**

**EXPERIÊNCIAS DE UM CARNAVAL NÃO-ORGANIZADO:  
A tradição de um bloco de sujos na Capital Federal.  
(1978 – 2009)**

Alisson Lacerda de Andrade

**Banca examinadora:**

---

Prof. Dr. José Walter Nunes  
(Presidente)

---

Profª Drª. Maria T. F. Negrão de Mello  
(Membro)

---

Prof. Dr. Clodomir Souza Ferreira  
(Membro)

---

Profª. Drª. Nancy Alessio Magalhães  
(Suplente)

*Dedico este estudo  
aos familiares e amigos,  
pontos de referência daquilo que sou!*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois a ele devo o dom da vida.

Aos meus pais, Maria Ivone de Andrade e José Lacerda de Lima, pelo amor incondicional. E, do mesmo modo, a toda a minha família, amigos e namorada, pois esses são a base sob a qual me constituo enquanto o que sou, o que fui e o que um dia serei.

À CAPES, pela bolsa concedida durante fevereiro de 2008 a fevereiro de 2009.

Ao meu orientador José Walter Nunes, que, de modo sem igual, soube apascentar minhas angustias, orientando de forma serena e sensata os caminhos mais instrutivos a serem perseguidos pela pesquisa.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Thereza Negrão, pela sabedoria e bondade contagiante.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, com especial zelo às professoras Cléria Botelho, Nancy Alessio e Eleonora Zicari. Agradeço, também, à Prof<sup>a</sup> Alice Martins, pelas valiosas críticas e sugestões na ocasião de minha defesa de projeto.

Em suma, a todos e a todas que de algum modo contribuíram com mais essa vitória.

## RESUMO

Ao abrigo da história cultural, perspectiva historiográfica constituída em solo interdisciplinar, o presente estudo tematiza as práticas carnavalescas da agremiação brasiliense Sociedade Armorial, Patafísica e Rusticana, o Pacotão. As configurações e reconfigurações das experiências festivas do bloco ao longo dos trinta e dois anos de sua trajetória aparecem representadas nas canções, fantasias, faixas e narrativas orais – suportes empíricos do trabalho – dos foliões que engrossaram, ano após ano, suas fileiras. Entendendo o carnaval de rua como uma manifestação cultural urbana, o praticado pelo Pacotão revela, através do humor e derrisão, sobre temas políticos e sociais, ambigüidades, tensões e conflitos entre personagens e grupos que com ele se envolvem direta, ou indiretamente, na capital do País. Nessas relações, Brasília criou o Pacotão, e esse, recriou, e recria, Brasília carnavalizando-a!

**Palavras-chave:** Pacotão, Brasília, carnaval, humor, riso, história.

## ABSTRACT

Under the cultural history, historiographic perspective interdisciplinary formed in soil, this study analyze the practices of college carnival brasiliense Society Armorial, Patafísica Rusticana and the package. The configurations and reconfigurations of the experiences of festive block over the thirty-two years of her life are represented in the songs, costumes, songs and oral narratives - of empirical work supports - the foliões that swell year after year their ranks. Understanding the street carnival as a cultural event city, charged by the package shows, through humor and derrisão on political and social issues, ambiguities, tensions and conflicts between characters and groups that are involved with it, directly or indirectly, in the capital the country. In these relationships, Brasilia created the package, and this, and recreated recreates Brasília, carnavalizando it!

**Key-words:** package, Brasília, carnival, humor, laughter, history.

## ÍNDICE DE IMAGENS

Imagem .....	Página.
Imagem 1 – O carnavalesco Joãozinho trinta desfila no Pacotão: .....	11.
Imagem 2 – Localização do Distrito Federal: .....	25.
Imagem 3 – Foto panorâmica da Brasília: .....	28.
Imagem 4 – Foliões cruzam complexos de viadutos: .....	33.
Imagem 5 – Foliões carregam faixas com alusão às origens germânicas de Geisel: ...	34.
Imagem 6 – Ala dos umbigos profanos: .....	35.
Imagem 7 – Fotografia de Osny Colixto desmaiado: .....	38.
Imagem 8 – Foliões carregam faixas com pedidos de anistia: .....	39.
Imagem 9 – Em um estilo irônico, foliões pedem por anistia: .....	40.
Imagem 10 – Folião e sua fantasia de enfaixado: .....	41.
Imagem 11 – Aiatolá comparece ao desfile: .....	42.
Imagem 12 – Charles Preto abrindo passagem no carnaval de 2007: .....	47.
Imagem 13 – Eixão Sul enfeitado para o carnaval de 1983: .....	48.
Imagem 14 – Pedidos por eleições diretas para presidente: .....	53.
Imagem 15 – Capa do LP gravado pelo bloco em 1985: .....	53.
Imagem 16 – Encarte do LP gravado pelo bloco em 1985: .....	54.
Imagem 17 – Foliões erguem suas faixas em protesto contra a censura: .....	61.
Imagem 18 – Jafé Torres e sua fantasia de Itamar Franco: .....	67.
Imagem 19 – Jafé Torres fantasiado de Itamar no carnaval de 1999: .....	68.
Imagem 20 – Jafé Torres fantasiado de Itamar no carnaval de : 2000 .....	68.
Imagem 21 – Estandarte do bloco .....	79.
Imagem 20 – Paulão e a nova geração do Pacotão .....	81.

**ÍNDICE DE LETRAS MUSICADAS**

Letra .....	Página.
Letra 1 – Plataforma .....	29.
Letra 2 – Aiatolá.....	39.
Letra 3 – Saudade da beleza .....	45.
Letra 4 – Santa Catarina .....	51.
Letra 5 – Olha o rabo.....	51.
Letra 6 – Brasil, Brasil, Brasil .....	52.
Letra 7 – Cai na real general.....	54.
Letra 8 – Je Vus Salue Marly .....	59.
Letra 9 – O Pacotão não sobe rampa: .....	73.
Letra 10 – A bezerra de Roriz .....	75.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11.
CAPÍTULO I.....	15.
1.1 - Construindo o objeto.....	15.
1.2 - Primeiro contato.....	16.
1.3 - O olhar que estranha.....	20.
1.4 - A velha guarda pede passagem.....	22.
CAPÍTULO II.....	24.
2.1 - Brasília: aqui o carnaval de rua se brinca é na avenida.....	24.
CAPÍTULO III.....	29.
3.1 - Debochando a ditadura e balançando o Pacotão: a ditadura militar nas lentes do Pacotão. ....	29.
3.2 - Charles Preto abre alas para o desfile na contramão: táticas, astúcias para driblar a repressão. ....	44.
3.3 - O poder do riso como instrumento de crítica.....	49.
CAPÍTULO IV.....	55.
4.1 - De boca a boca se faz um carnaval com tradição.....	55.
4.2 - Primeira crise à vista, euforia e decepção: a transição política brasileira fugia às expectativas do bloco Pacotão.....	56.
4.3 - O Pacotão e a Nova República: mudanças no enfoque das críticas e as críticas pela mudança de enfoque. ....	63.
4.4 - Brasília cria o Pacotão; o Pacotão recria o carnaval de Brasília. ....	74.
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79.
BIBLIOGRAFIA.....	82.
Referências Bibliográficas.....	82.

**INTRODUÇÃO**

Imagem 1 – O carnavalesco Joãosinho trinta desfila no Pacotão.  
Correio Braziliense: 02/2009.

*No último dia de carnaval em Brasília, o carnavalesco Joãosinho Trinta foi a principal estrela do desfile do Pacotão, o mais tradicional e irreverente bloco de rua de Brasília.*<sup>1</sup>

Nas palavras do próprio Joãosinho: *Eu amo Brasília. Eu sou cidadão honorário de Brasília.*<sup>2</sup>

Analisar as configurações, reconfigurações, rupturas, permanências e alternâncias das experiências carnavalescas vivenciadas em meio à folia do bloco de sujeitos brasiliense, *Sociedade Armorial Patafísica e Rusticana*, O Pacotão constitui o objeto de estudo da presente dissertação. Agremiação carnavalesca surgida em 1977, o Pacotão realizou seu primeiro desfile pelas ruas e avenidas da capital em fevereiro de 1978. Na ocasião, pouco mais de cem foliões, quase todos jornalistas – seus fundadores – incumbiram-se de realizar a festa. Talvez naquele momento ainda não soubessem, mas a folia carnavalesca que praticavam viria a se tornar uma tradição no carnaval

---

<sup>1</sup> Correio Braziliense: 02/2009

<sup>2</sup> Idem.

brasiliense. *Tradição* que será aqui compreendida enquanto o ponto em que se aglutina a experiência (do tempo, da linguagem, da história), a memória coletiva que insere o indivíduo em um conjunto de representações de sentido comum, laço que une o presente e o passado (BENJAMIN, 1985). Experiências festivas compartilhadas e praticadas por indivíduos e, ou, grupos ao longo dos trinta e dois anos de história da agremiação, caracterizam a *tradição* carnavalesca aqui apontada.

O presente estudo busca abrigo na História Cultural, perspectiva historiográfica constituída em solo interdisciplinar, apoiada em um novo paradigma centrado na cultura (PESAVENTO, 1995: 293). Compreendendo cultura como *uma rede de significados socialmente estabelecidos* (GEERTZ, 1973: 15).

Essa pesquisa busca sondar sentidos para práticas sociais constituídas em função da realização de uma festa, não se tratando, porém, de qualquer festa. Refiro-me a um dos desdobramentos brasilienses da mais livre e criativa, mais irreverente e mais popular de todas as festas brasileiras: o **carnaval** (DAMATTA, 2001: 60). Damatta explica que nos dias de carnaval a rotina – atrelada às atividades de trabalho e produção – passa por um processo de inversão (DAMATTA, 1981: 121). Aponta, ainda, que na sociedade brasileira o carnaval opera como *uma reviravolta positiva, esperada, planejada e, por tudo isso, vista como desejada e necessária em nosso mundo social*. (DAMATTA, 1981: 121). Neste entendimento, cabe observar que esta reviravolta também revela sua faceta no carnaval praticado pelo bloco de sujeitos brasiliense. Como será demonstrado ao longo do trabalho, nos dias em que vigoram o reinado de Momo na Capital Federal, governadores e presidentes, políticos de variadas legendas, personalidades brasileiras de toda ordem são (re)apresentados nas avenidas da cidade, sendo esta uma das práticas festivas características do folguedo. Se no dia a dia os representantes do poder público não costumam perambular pelas vias da cidade, no período de carnaval esta realidade se *inverte*.<sup>3</sup> Quando o Pacotão realiza seu desfile, não somente os políticos, mas a própria imagem construída pelos foliões a respeito da política institucional brasileira ganha os espaços da urbe.

Tanto a festa quanto a rotina, frisa Damatta, são modos que a sociedade possui para exprimir-se, para atualizar-se concretamente, deixando ver, assim, sua alma. (DAMATTA, 1986: 122). Analisar, portanto, a folia praticada por um bloco de sujeitos surgido em um contexto marcado pela intensificação da luta contra a Ditadura Militar,<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Falo das imagens que representam as fantasias e canções dos foliões que brincam o carnaval no Pacotão.

<sup>4</sup> Anos finais da década de setenta.

suas reconfigurações após a abertura política, bem como seus múltiplos desdobramentos, significa acessar alguns aspectos da própria *alma* da capital.

O carnaval de rua é uma manifestação cultural urbana, isto é, praticada nas ruas e avenidas das cidades brasileiras. Brasília – espaço urbano, palco dos desfiles da agremiação analisada – foi inaugurada em 1960. Planejada segundo os princípios da arquitetura e do urbanismo modernista, inscrita na Lista do Patrimônio Cultural da Humanidade em 1987 e tombada como Patrimônio Histórico Nacional em 1990, já configurou, conforme revela Sinoti, objeto de reflexão em diversas áreas do saber acadêmico (SINOTI, 2005: 15). Desde o início de sua implantação, em 1956, no governo do presidente Juscelino Kubistchek, cientistas políticos, geógrafos, arquitetos, urbanistas, antropólogos, sociólogos, etc., vêm estudando os “prós” e os “contras” da cidade (SINOTI, 2005: 15). Nesta pesquisa, reforço, imagens da cidade serão produzidas em função de sua relação com o tradicional bloco de sujeitos analisado. Embora a Capital seja responsável pelas condições de produção do festejo carnavalesco observado, ela não será tomada, aqui, em primeiro plano e, do mesmo modo, não configurará o objeto em si a ser estudado. Brasília surgirá representada a partir de sua apropriação por parte dos festeiros que engrossam e engrossaram as fileiras do irreverente Pacotão.

O *corpus* documental da pesquisa conta com um acervo de fontes plurais, o que impediu, de certo modo, a adoção de metodologias rígidas na análise do material compilado. Fontes visuais como fotografias de jornais e de arquivos particulares, letras musicadas, narrativas orais obtidas por meio de duas entrevistas temáticas, reportagens sobre o bloco veiculadas pelo periódico de maior tiragem da Capital, o Correio Braziliense, bem como o encarte do primeiro LP lançado pelo bloco em 1985, configuram o corpus documental da pesquisa. Um suporte auxiliar constituído por fontes eletrônicas também foi utilizado, cabendo destaque para o artigo escrito por Moacyr de Oliveira Filho, um dos fundadores do bloco.

O trabalho está estruturado em quatro capítulos. No primeiro, apresento o percurso metodológico percorrido no processo de constituição do objeto de análise. Procuo explicitar o caminho trilhado rumo às fontes, o modo como foram organizadas e distribuídas ao longo do texto, bem como o suporte teórico utilizado para a lida com as mesmas.

No segundo capítulo, a ênfase recai sobre a descrição do primeiro contato efetivo que tive com a folia. Algumas das principais características da festa são

apontadas, de modo que a cenografia brasiliense – logo após a realização de uma breve incursão sobre a história das cidades – aparece representada a partir dos lugares onde a festa foi e atualmente é praticada.

No terceiro capítulo, a ditadura militar aparece representada pelas lentes do Pacotão. O riso irônico e debochado, característica da festa, aparece como um instrumento de crítica ao regime militar, sendo tal característica apontada como uma forma camuflada de criticar os governos e a ditadura.

No quarto capítulo, as reconfigurações do festejo ao longo dos trinta e um anos de sua existência sinalizam a mudança de sensibilidade do folião que adere ao carnaval do Pacotão. Outros temas passam a operar como motes para a festa, revelando as novas facetas de um mesmo carnaval, hoje, tradição da folia momesca da Capital Federal.

Nas considerações finais, os argumentos que direcionaram a investigação ao longo da pesquisa são retomados, de modo que as reflexões passam a sinalizar os novos rumos e sentidos contidos no carnaval de rua praticado pela *Sociedade Armorial Patafísica e Rusticana*, O Pacotão.

## CAPÍTULO 1

*O historiador deveria  
procurar nas partes a presença do todo,  
desse fato global, que liga todas a partes em uma totalidade.*  
**José Carlos Reis**

### 1.1 – Construindo o objeto.

Durante o segundo semestre do ano de 2006, ainda como aluno especial do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, cursei o seminário História, Identidade e Cultura. Diante das discussões estabelecidas no decorrer do curso, o que antes não passava de uma insipiente idéia de análise, passou a ser direcionada pelos estudos que tomam a cidade como *uma forma de organização social específica*. (BARROS, 2007: 53) Durante o mesmo semestre, iniciei a busca pelas fontes que, meses depois, viriam a compor a documentação do anteprojeto de pesquisa que encaminharia ao processo de seleção do mesmo Programa.<sup>5</sup> Até então, as fontes de que dispunha sobre o carnaval do Pacotão limitavam-se às letras musicadas – marchinhas carnavalescas compostas entre os anos de 1978 e 2006 – e algumas reportagens sobre o bloco veiculadas pelo jornal impresso Correio Braziliense. Após ter sido aprovado na seleção, dispondo, portanto, de mais tempo para ir a campo em busca de dados, outros tipos de fontes foram encontradas, passando a incorporar – sempre que julgadas instrutivas – o estudo que dia após dia ganhava forma. Mas a cada nova

---

<sup>5</sup> O título do anteprojeto que encaminhei à seleção daquele ano cunhava-se por: *Debochando a ditadura e balançando o Pacotão: participação popular no processo de redemocratização (1978 – 2007)* Nos moldes até então apresentado, o trabalho objetivava analisar as representações da ditadura militar construídas pelos foliões do Pacotão. Após o efetivo ingresso na Pós-Graduação, no entanto, a pesquisa passou a abordar as reconfigurações do carnaval praticado pelo bloco entre os anos de 1978 e os dias atuais.

informação, a cada novo achado sobre a história da agremiação, duas situações se apresentavam, impondo assim, novos questionamentos à investigação. Deveria eu incorporar os novos dados ao estudo? Caso o fizesse, quais seriam as metodologias mais apropriadas para a lida com os mesmos? Se já não bastassem tais dúvidas, o mais angustiante questionamento encarregava-se de entravar o processo de avanço com a pesquisa. Na ocasião agora abordada, ainda não contava com um objeto de estudo delimitado, situação que persistiu até o momento em que pude realizar o meu primeiro contato efetivo com o bloco. Conforme apresento já no início do próximo capítulo, em função da especificidade em que se desenrolou a experiência de minha primeira participação efetiva com a folia – ocorrida no dia em que foram comemorados os trinta anos de carnaval do Pacotão – o objeto de estudo passou a ser constituído nos termos que, na introdução deste texto, foram apresentados.<sup>6</sup> Essa experiência configurou um marco no que diz respeito aos rumos que, a partir de então, passou a tomar a investigação. É nesse sentido, portanto, que dedico as próximas páginas para a exposição das referidas circunstâncias.

## 1.2 – Primeiro contato.

Com a proposta de participar e, sobretudo, observar as características do carnaval praticado pelo bloco Pacotão, parti em direção à comercial da 506-Sul, em um domingo de tarde ensolarada do mês de fevereiro do ano de 2007. Estava convicto de que entraria em contato com a folia da *irreverente* agremiação, mas o que na oportunidade ainda não sabia – confesso que houve um toque de displicência de minha parte – era que em um outro ponto da cidade o mesmo e intitulado bloco também se preparava para realizar o seu carnaval.<sup>7</sup> Indiferente à situação, e sem levar comigo a intenção de realizar um trabalho que se prestasse aos propósitos de uma incursão *etnográfica*, aproveitei o momento para fazer minha *observação participante*, com vistas à possibilidade de estar lá e escrever aqui, como frisa o antropólogo Clifford Geertz (GEERTZ, 1989: 21). É importante dizer que com tal iniciativa não intencionei apreender aspectos de supostas alteridades. Quando realizei meu primeiro trabalho de

---

<sup>6</sup> No segundo capítulo abordarei detalhadamente a ocasião de meu primeiro contato efetivo com o bloco.

<sup>7</sup> Neste primeiro contato com a agremiação, acabei me aproximando de um grupo que não mais desfilava conforme manda a tradição do Pacotão. Os detalhes de tal situação serão revelados no próximo capítulo. Adianto, porém, que foi em função dessa experiência que passei a recortar o objeto de pesquisa nos termos aqui estabelecidos, e na introdução já revelados. Por hora basta a constatação de que certos ditados populares ocultam sentidos que transcendem as barreiras impostas pelo tempo. E como diz a sabedoria popular: *Há males que vêm para o bem.*

campo não fui interpelado pela sensação de isolamento típica a situações em que se torna necessário que o estudioso se afaste de sua cidade e cotidiano para, assim, poder realizar sua pesquisa. (SIQUEIRA, 2007: 135) No máximo tive que pegar meu carro e viajar até o outro lado da cidade, o que também não significa dizer que não tenha estranhado um carnaval embalado por *marchas, fantasias* extravagantes e, a meu ver, muita nostalgia. A este respeito, as palavras de Euler D. Siqueira são bastante instrutivas:

*(...) aqueles que não viajam “em canoa” para chegar até o seu objeto, mas que tomam um ônibus, o conhecimento, a solidão e o tédio adquirem outros significados. (...) Nesse caso o “aqui” e o “ali” aproximaram-se, ou seja, o lugar onde vivem e onde fazem pesquisa é o mesmo. Isso diminui a sensação de “viagem” no espaço e no tempo, mas segue sendo uma “viagem” até um universo não-familiar, até um “mundo” desconhecido. (SIQUEIRA, 2007: 136)*

Tenho convicção de que naquele dia também pude viajar. E não se tratou de uma simples viagem com destino ao outro lado da cidade, ressalto. Hoje percebo que viajei pelos caminhos construídos pelo contraste entre um carnaval que encontra no apelo à sexualidade, e aqui destaco as festas das quais me habituei participar – jamais havia comparecido a um carnaval de bloco de rua – e uma festividade carnavalesca motivada por intenções outras que não somente as hoje tão conhecidas ondas da chamada “pegação”.

A circunstância em que se desenrolou a **comemoração** dos trinta anos de história do bloco Pacotão – é necessário reforçar este aspecto – contribuiu de modo sem igual com o processo de formulação da questão que baliza os objetivos do presente estudo, sendo estes: Sondar sentidos para as configurações e reconfigurações da folia de Momo apresentada pelo bloco Pacotão, ao longo de sua trajetória carnavalesca.

Ao chegar à comercial da Quadra 506-Sul – carnaval de 2007 – fui surpreendido pela animação de inúmeros foliões que, descontraídos e sorridentes, conversavam sobre histórias, eventos e situações das mais variadas. Notei que a interação entre os festeiros se dava por meio de assuntos que tratavam de temas de toda a sorte. Conversavam sobre comida e futebol, trabalho e família. Sorridentes, procuravam, sempre que a oportunidade aparecia, zombar de algo ou alguém. Contudo, não demorei a perceber que um assunto em específico, talvez por ser comum à maioria dos que lá estavam, insistia em povoar a conversa dos foliões. Por uma porção de vezes, ouvi da boca dos

festeiros, histórias que falavam sobre *outros carnavais*. Logo percebi que não seria prudente tratar tal informação como um conhecimento trivial e, por isso, sem importância para o estudo. Muito pelo contrário! Atentei-me ao fato de que na trivialidade que atravessava aquela constatação poderia estar contido um importante indício, um vestígio – como diria Ginzburg – <sup>8</sup> que possivelmente me colocaria em contato com aspectos potencialmente reveladores acerca do carnaval analisado. <sup>9</sup> Por mais que procure não adentrar no terreno quase sempre infértil das discussões acerca das *super-interpretações*, <sup>10</sup> acredito ser importante ressaltar que não lancei mão de julgamentos com vistas à construção de verdades absolutas sobre o tema tratado. Perceber que a constante referência aos carnavais de outras datas incorporava as lembranças daqueles foliões contribuiu com o estudo, na medida em que busquei correlacionar tais lembranças ao espaço onde, na ocasião, fora realizada a festa. Na oportunidade, as instalações do *Bar Brasília*, bem como seus arredores e imediações, configuraram o palco e cenário da folia. Necessário se faz, portanto, abordar parte das características de tal estabelecimento.

O *Bar Brasília*, fundado pelo empresário Jorge Ferreira, mineiro da cidade de Cruzília e fã declarado dos botequins cariocas, abriu suas portas *inspirado* nos bares dos anos 20 aos 50. A revista *Veja Brasília* informa que o estabelecimento é decorado com ornamentação que pode ser tomada como preciosidade nos dias atuais. O bar, dentre outros adereços, traz uma belíssima, e quase artesanal, estante da década de 1920, além de ser decorado com um lustre que pertenceu ao primeiro prédio do Banco do Brasil na cidade de São Paulo. Fotografias que prestigiam a história da própria Capital Federal,

---

<sup>8</sup> A noção de paradigma indiciário desenvolvida por Carlo Ginzburg foi bem tratada pela historiadora Sandra Pesavento, para quem: *o paradigma indiciário não se prende às evidências manifestas, mas sim aos pormenores, aos sinais episódicos, aos elementos de menor importância, marginais e residuais, que, contudo, permitirão a decifração do enigma e o desfazer de um enredo*. PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Muito além do espaço: Por uma história cultural do urbano*. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16. 1995. Pág. 293.

<sup>9</sup> A palavra investigação será frequentemente utilizada neste trabalho, o que não ocorre sem uma explicação. Expressões como indício, vestígio, evidência são freqüentes no método de análise concebido nos termos cunhados por Carlo Ginzburg, para quem, cabe ao historiador tratar suas fontes do mesmo modo como o faz um detetive que descobre o autor de um crime, baseando-se em pequenos detalhes, indícios imperceptíveis, evidências não convencionais. GINZBURG, Carlo. “Sinais, raízes de um paradigma indiciário” In: *Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História*. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras; 1990. Pág. 145.

<sup>10</sup> Ao cursar o seminário *Teoria e Metodologia da História*, entrei em contato com as discussões a respeito das características ficcionais encontradas no discurso historiográfico. Ao discutirmos a obra *O Grande Massacre de Gatos*, estudo elaborado por Robert Darnton, por vários momentos a idéia de *super-interpretação* foi mencionada. Não partidário de tal celeuma, prefiro entender que cabe ao historiador trabalhar com a proposta da verossimilhança, isto é, não buscar a verdade, mas a atribuição de sentidos.

complementam a atmosfera saudosista do Bar.<sup>11</sup> Afirmar que o Bar Brasília representa um espaço tendenciosamente antiquário, quer dizer, um espaço em que a ostentação, por via da admiração, ao passado ocupa lugar de destaque não seria bem um equívoco. Ao articular as falas sobre os carnavais *de outros tempos* às características do espaço escolhido pelos foliões para abrigar o referido evento de comemoração, lembrei-me das palavras de Certeau ao significar o espaço enquanto um lugar praticado (CERTEAU, 1994: 202). No dia em que foram comemorados os trinta anos de história do bloco Pacotão, notei que fragmentos da memória da cidade de Brasília eram construídos em função das lembranças de experiências reativadas pelos foliões.<sup>12</sup> Se o festejo acontecia em meio a recorrentes menções a outros carnavais, fazê-lo em um ambiente cuja harmonia fosse compatível com a proposta da celebração talvez contribuisse com a solenidade da festa. Lá estavam pessoas jovens e jovens já experientes em embalos ao som de tambores, surdos, batuques e tamborins, acompanhados e complementados, ainda, pela sonoridade dos instrumentos de sopro e metais que ditavam o ritmo da folia. Um coro de vozes que tão logo surgia, fazia-se canto em meio à confusão ordenada de sons, convidou-me a adentrar mais e mais no espaço em que se desenrolava o folguedo. Ao passo que escutava as canções – operando essas últimas como convites à história da agremiação – notei que já ocupava uma posição privilegiada frente aos objetivos que havia estipulado para aquele dia: sondar sentidos para a realização da folia.<sup>13</sup> Mas acontece que não estava sozinho durante essa primeira incursão prática no carnaval do Pacotão. Duas outras pessoas me acompanharam na ocasião. Hoje vejo com maior clareza a importância que desempenhou a presença dos mesmos na ocasião explanada.

---

<sup>11</sup> Informações obtidas no site: <http://vejabrasil.abril.com.br/brasil/bares/30227/bar-brasil>. Data de acesso: 20/11/2008 às 14:56 h/s.

<sup>12</sup> Volto a comunicar a idéia de lembrança que baliza as interpretações sobre a memória do bloco analisada. Conforme apresenta Ecléa Bosi, se nós lembramos, é porque os outros, a situação presente nos faz lembrar. Lembrar, na maior parte das vezes, não significa necessariamente reviver o acontecido, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. Op. Cit. Pág. 55.

<sup>13</sup> Para utilizar as letras musicadas (letras das marchinhas) como fontes para a pesquisa, foram-me instrutivas as reflexões empregadas por Patrícia Nogueira Silva ao analisar a cenografia carioca a partir dos discursos musicados de Noel Rosa e Chico Buarque de Holanda. SILVA, Patrícia Nogueira. *Enredos cariocas em palavras cantadas: A cidade do Rio de Janeiro do séc. XX nas representações de Noel Rosa e Chico Buarque*. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, UnB. 2005.

### 1.3 - O olhar que estranha.

Quando me dirigi à comercial da Quadra 506-Sul no carnaval de 2007, meu irmão e um amigo historiador estavam em minha companhia. Notei que ambos, tão logo chegaram ao local onde era realizado o festejo, estranharam o modo como estavam fantasiados os foliões. Em função do espanto que os tomou, percebi que observar suas feições e reações frente a folia talvez me ajudasse a apreender peculiaridades da mesma, vedados aos olhos de quem, como eu, já tivesse prévias informações acerca do estilo da festa.<sup>14</sup>

Já de início, o primeiro espanto! Afinal, não são todos os dias em que podemos nos deparar frente a frente com um ex-presidente. Mas ao olharmos para o lado, retomando o fôlego pela primeira surpresa, visualizamos uma bruxa abraçada, nada mais, nada menos que com o atual presidente! Nunca é demais lembrar que falo das imagens representadas nas fantasias dos festeiros.<sup>15</sup> E aqui se faz necessário um detalhamento.

As fantasias, segundo Damatta, são responsáveis por uma das mais pulsantes características dos blocos de sujos. É por meio dessas que os foliões anônimos podem externar suas visões frente ao assunto abordado pelo bloco.<sup>16</sup> Embora não seja vedado o uso de nenhum tipo de fantasia, o que mais caracteriza o modelo de alegoria utilizada pelos foliões desses blocos é sua aparência *sem forma definida* (DAMATTA, 1981: 127). Por outro lado, o que caracterizaria um bloco de sujos? Bem, o mesmo pensador explica que *são sujos no sentido de que estão reduzidos a uma matéria social embrionária ou fetal*. E prossegue: *Os sujos, assim, pedem para renascer socialmente, pois representam os párias, os mais baixos entre os mais baixos, os que estão no fim da linha social* (DAMATTA, 1981: 128). É necessário reter essa informação, uma vez que tal representação um dia foi utilizada pelos foliões do Pacotão como *tática* para driblar a repressão nos primeiros carnavais da agremiação. Mas, afinal, por que motivos haveriam de se preocupar os militares com as provocações advindas de quem está *no*

---

<sup>14</sup> Embora nunca tivesse participado da folia, já dispunha de informações sobre a mesma por meio de reportagens impressas e sites que veiculavam informações sobre o bloco.

<sup>15</sup> No próximo capítulo apresentarei a metodologia adotada na pesquisa para analisar os aspectos imagéticos que compõem a visualidade do desfile do bloco Pacotão. Adianto que, embora as fontes que constituem o painel de imagens que possibilitaram a adoção deste suporte na composição do *corpus* documental da pesquisa sejam constituídas basicamente por fotografias, vou me ater aos aspectos mais gerais de tais representações.

<sup>16</sup> No caso do carnaval apresentado pelo bloco Pacotão, em todos os anos uma temática específica é abordada com mais ênfase pelos festeiros. Entre os anos de 1978 e 1984, os temas das marchinhas e as formas representadas nas alegorias dos foliões tratavam, em sua maioria, dos assuntos referentes à abertura política e às eleições diretas para presidente.

*fim da linha social?* No capítulo três essa problemática será retomada. Por ora, é suficiente observar que o acesso às fontes que me possibilitaram sondar sentidos sobre a forma como se fantasiaram os foliões, durante os variados contextos históricos de produção da folia, tornou-se consistente a partir do momento em que tive acesso tanto aos arquivos do Correio Braziliense, quanto aos arquivos pessoais da jornalista Irone Queiroz, ambos retratando aspectos referentes à trajetória da agremiação. Adianto que, embora esse estudo faça uso do suporte fotográfico, não foi objetivo adentrar no universo das questões teóricas sobre imagem fotográfica. Esta, aqui, foi incorporada pelo fato de que, no desenvolvimento da pesquisa, tornou-se importante atentar-me para a visualidade inerente ao fazer carnavalesco desse bloco de sujos, e as fotos retiveram e retêm tal informação.

De fato, as fantasias, *sem forma definida*, definem e muito bem a forma como desejavam os foliões representar os políticos, alvo de suas “homenagens”.<sup>17</sup> Como será abordado mais a frente, essas homenagens quase sempre foram feitas por meio das fantasias e, ou, das canções. Reforço, desse modo, que é nesse específico sentido que utilizarei as fontes iconográficas como suporte para a reflexão, atentando para a visualidade que atravessa o fazer carnavalesco de um bloco de sujos, como é o caso do Pacotão.

Como talvez já tenha ficado explícito, o Pacotão é um bloco de sujos que encontra nos assuntos referentes à cena política brasileira o mote e princípio gerador dos temas que originam e orientam a sua festa. Como antes já dito, não são apenas as fantasias que encontram na política a matéria-prima para a construção da folia. As letras das marchinhas, que ano após ano foram cantaroladas pela coletividade do bloco, também encontram na vida política brasileira os princípios que as geram. Essas canções constituem narrativas que representam relações sociais pinçadas do universo social em que foram produzidas (SILVA, 2005: 12). Isso significa que, independentemente de terem sido compostas por um indivíduo, serão sempre o resultado da junção de um *capital simbólico* acumulado por um grupo maior que conferiu o direito e autoridade de fala ao compositor (BOURDIEU, 1988: 89). Por fim, uma última informação a respeito do meu primeiro contato com o bloco precisa ser apresentada.

---

<sup>17</sup> Homenagens aqui serão entendidas enquanto o ato de debochar da figura homenageada. E no que diz respeito às diversas formas de risos, o estudo dedicou um subitem, que se encontra mais adiante, para abordar as especificidades de tal temática.

#### 1.4 – A velha guarda pede passagem.

O carnaval de 2007, realizado nas instalações e imediações do *Bar Brasília*, foi organizado pela chamada *velha guarda* do Pacotão. Tais foliões organizaram a festa da qual participei – festa esta que, como já explicado, referenciava, nas conversas dos festeiros, os tempos de outros carnavais. A cada encontro entre parceiros de carnaval e, ou, profissão – muitos daqueles festeiros são jornalistas – as lembranças e recordações de um passado compartilhado encarregava-se de construir e reconstruir a memória coletiva do grupo.

Entretanto, em um outro ponto da cidade, o mesmo e intitulado bloco também festejava e comemorava os trinta anos de história da agremiação, na entrequadra comercial da 302-303-Norte, onde foliões etilicamente concentrados carregavam faixas, vestiam suas fantasias e entoavam suas canções. Tomavam para si a tarefa de manter viva uma das mais tradicionais práticas festivas do Pacotão: Desfile pelas avenidas da cidade, partindo da altura da 302-Norte, passando pela avenida W3-Norte em direção a destinos, muitas vezes incertos, da W3-Sul, sempre que possível pela *contramão*.<sup>18</sup> Já em 1978, ano do primeiro desfile da agremiação, um pouco mais de cem foliões desfilaram partindo do Setor Comercial Sul com destino a 302-Norte. Ainda no carnaval daquele ano, saíram (na terça-feira) dessa mesma quadra rumando a destinos incertos da Asa Sul, passando pela W3-Sul em seu sentido inverso, o que, desde então, ficou conhecido como o **batismo na contramão**.<sup>19</sup>

Após ter realizado esse primeiro trabalho de campo, pude ver estabelecida a possibilidade de sondar sentidos para as configurações e reconfigurações da folia carnavalesca apresentada pelo Pacotão, no passado e no presente, pois prossegui com meu trabalho de pesquisa durante os anos de 2008 e 2009, o que me permitiu tentar compreender seus trinta e dois anos de história. Se de um lado encontrei foliões mais experientes referenciando e reverenciando os carnavais de outros tempos, a partir da comemoração do aniversário do bloco, sabia que em um outro ponto da cidade haviam foliões que, muito embora também comemorassem a data, talvez estivessem mais preocupados em contemplar os assuntos da vida política local daquele momento. A

---

<sup>18</sup> A noção de tradição empregada pela presente pesquisa encontrou suporte nas reflexões de Walter Benjamin, para quem está seria, como já revelado na introdução, o lastro sobre o qual se preserva a possibilidade da redenção, memória coletiva que insere o indivíduo num conjunto de representações de sentido comum, laço que une o presente e o passado. BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

<sup>19</sup> Jornal Correio Braziliense: 02/1978.

marchinha que embalou o carnaval do mesmo ano e cujo título trazia a expressão: *Banho de Arruda*, corrobora com este entendimento. José Roberto Arruda, governador de Brasília na ocasião, foi o principal homenageado pelo carnaval do Pacotão no ano de 2007. Mas, como será apresentado posteriormente, receber as homenagens da agremiação não se trata das práticas mais agradáveis, principalmente para quem reside na Capital. E neste entendimento, abro espaço, neste próximo capítulo, para uma breve incursão acerca de algumas peculiaridades da Capital Federal brasileira.

**CAPÍTULO 2**

*É sempre impossível conduzir e  
realizar um grande plano original. A  
vida é sempre mais forte: ela muda e  
modifica todos os projetos que nós fazemos.*

**Lúcio Costa.**

**2.1 - Brasília: aqui o carnaval de rua se brinca é na avenida.**

Brasília foi inaugurada em 1960. Planejada segundo os princípios da arquitetura e do urbanismo modernista, foi inscrita na lista do Patrimônio Cultural da Humanidade em 1987 e tombada como Patrimônio Histórico Nacional em 1990. Desde o início de sua implantação, em 1956, no governo do presidente Juscelino Kubistchek, cientistas políticos, geógrafos, arquitetos, urbanistas, antropólogos, sociólogos, etc., vêm estudando as modalizações da vida na capital (SINOTI, 2005: 15). Pensada desde o século XIX, Brasília, ainda no Império teve seu território pesquisado intensamente. Dois períodos podem ser eleitos como os de maior relevância no que toca à definição do quadrilátero do Distrito Federal, lugar onde foi implantada a cidade: *Missão Cruz*, em 1892, e *Relatório Belcher*, 1956. (RIBEIRO, 2005: 21). A próxima imagem demonstra a localização de Brasília com relação às demais capitais brasileiras.

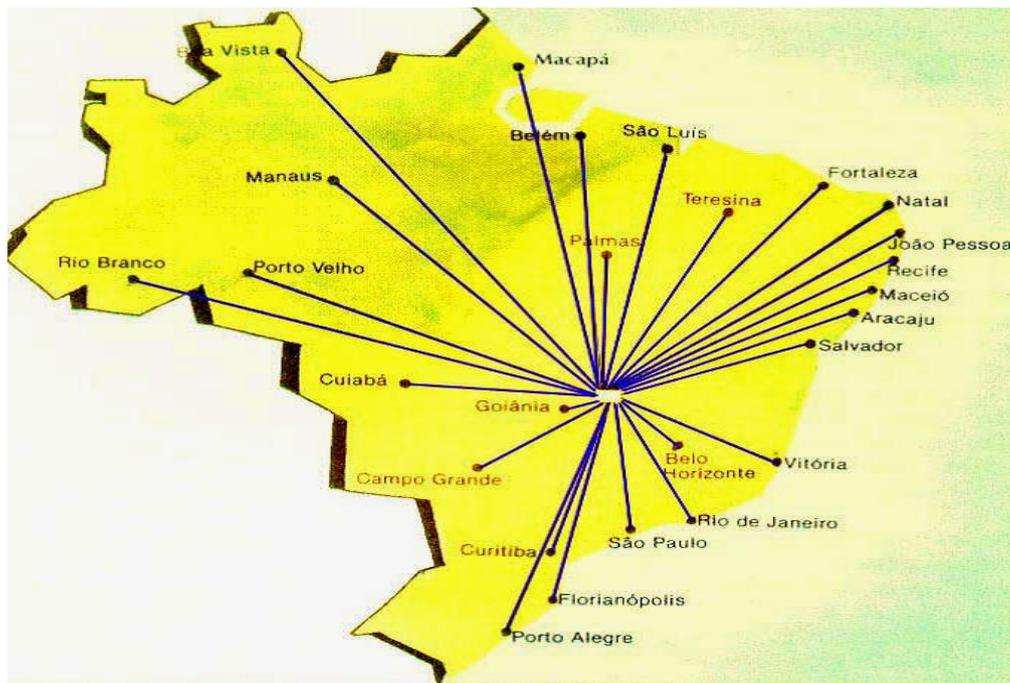


Imagem 2 - Localização do Distrito federal.

Fonte: SEPLAN - Anuário Estatístico do Distrito Federal – 2004.

Capitais	Distância em linha Reta (km)	Capitais	Distância em linha Reta (km)
Aracaju	1.293	Natal	1.775
Belém	1.586	Palmas	623
Belo Horizonte	614	Porto Alegre	1.614
Boa Vista	2.490	Porto Velho	1.902
Campo Grande	878	Recife	1.657
Cuiabá	876	Rio Branco	2.250
Curitiba	1.077	Rio de Janeiro	931
Florianópolis	1.310	Salvador	1.062
Fortaleza	1.684	São Luís	1.519
Goiânia	173	São Paulo	871
João Pessoa	1.717	Teresina	1.309
Macapá	1.783	Vitória	948
Maceió	1.486		
Manaus	1.929		

Lúcio Costa, autor do projeto urbanístico do Plano Piloto de Brasília, e Oscar Niemeyer – arquiteto mundialmente conhecido pelas curvas impostas a edificações singulares construídas na mesma cidade – são nomes que figuram facilmente nos estudos que abordam a urbe em sua dimensão urbanístico-arquitetônica. Em termos gerais, poderia dizer que a dimensão modernista de Brasília é representada, sobretudo, pelas características funcionais que orientam a estruturação de seus espaços. A forte influência do pensamento de Le Corbusier, expoente da arquitetura moderno-funcionalista, na formação intelectual dos brasileiros acima citados, legítima a observação.<sup>20</sup>

Ademais, a noção de modernidade que atravessa a idéia de cidade da qual Brasília é, ao mesmo tempo, referência e resultado, veicula-se pela intenção de *um modo de vida calcado em referências como funcionalidade, conforto, eficiência e racionalidade* (MATOS, 2005; 410). Cidade zoneada, dividida e subdivida em unidades de habitação, setores destinados a atividades bancárias, comerciais, ou hospitalares, áreas designadas para a diversão, ou para a hospedagem, Brasília viu surgir, apenas no ano de 2008, por iniciativa do governo local, a destinação de um espaço para a realização das atividades carnavalescas provindas da iniciativa popular.<sup>21</sup> Localizado ao lado da Biblioteca Nacional, na Esplanada dos Ministérios, o espaço chamado *Gran Folia* é constituído, em tempos de carnaval, por uma estrutura que conta com instalações de banheiros, áreas de alimentação, palcos, e outros elementos de infra-estrutura.

O espaço foi destinado, principalmente, para o encontro dos blocos de carnaval de rua, muito embora não seja exclusivo para eles. Uma das primeiras agremiações carnavalescas a aderir à proposta foi o Galinho de Brasília,<sup>22</sup> o mesmo não ocorrendo com o Pacotão.<sup>23</sup> No carnaval de 2008, após sua tradicional concentração na entre-

---

<sup>20</sup> Le Corbusier (1887-1965) foi um arquiteto e urbanista de origem suíça. É considerado um dos mais importantes arquitetos do século XX. A concepção dos Pilotis, por exemplo, que tornariam as construções suspensas e que faz parte dos chamados cinco pontos da nova arquitetura, é de sua autoria. Em Brasília, os edifícios residenciais foram construídos seguindo este padrão de suspensão. Um estudo que oferece instrutivos direcionamentos acerca da influência do modernismo francês no pensamento arquitetônico-urbanístico brasileiro pode ser encontrado na Obra: LEMOS, Carlos. O que é Arquitetura. SP; Brasiliense: 1994.

<sup>21</sup> É necessário informar que intervenções governamentais no carnaval das escolas de samba já foram realizadas. As Escolas de samba, primeiro, desfilavam na W3-Sul. Depois, foram para o Eixo Rodoviário/Sul. Em seguida, para o Eixo Monumental, perto da Torre de TV. Por último, a Ceilândia!

<sup>22</sup> Correio Braziliense: 02/2008.

<sup>23</sup> No capítulo quatro, os motivos que levaram os membros do bloco Pacotão a olharem com certa reticência à iniciativa do Governo serão explicitados. Cabe, no entanto, informar que a agremiação esteve

quadra comercial da SCLS 203/204 Sul<sup>24</sup> – antigo ponto de passagem do Pacotão – o Galinho partiu rumo ao Gran Folia. No carnaval de 2009, porém, o que já era tido como espaço tradicional da festividade carnavalesca desse bloco, tornou-se um mero ponto de passagem de seu desfile. Sob a bandeira de salvaguardar a tranqüilidade da população local, autoridades governamentais estipularam um tempo específico para que o Galinho de Brasília permanecesse na comercial da SCLS 203/204 Sul. Cronômetros foram utilizados para marcar o tempo em que a agremiação ficaria no espaço, sob pena de ter que pagar R\$ 10 Mil por cada minuto ultrapassado, dos sessenta estipulados em Termo de Ajustamento de Conduta. O Termo foi assinado na presença de representantes do Ministério Público, Conselho Comunitário da Asa Sul, e outros órgãos do governo.

25

Ao observar os acordos e as restrições colocadas para o carnaval praticado pelo Galinho em 2009, ocorreu-me esta observação: após ter sido a primeira agremiação carnavalesca da cidade a aderir à disciplinarização de uso dos espaços, também foi a primeira a ser impedida de permanecer, como de costume, no espaço onde tradicionalmente realizava sua folia.

Por outro lado, a imposição de mudanças no trajeto do desfile, via ordens judiciais, não se apresenta como exclusiva à história do Galinho de Brasília. O Pacotão, em função de conflitos com autoridades, representantes de instituições governamentais e moradores das áreas residenciais por onde o bloco passa, várias mudanças no trajeto de seu desfile já foram efetivadas, todas, porém, têm sido provisórias.<sup>26</sup> Nas palavras de Michel Maffesoli, *a cidade, em sua banalidade, é potencialmente rica de aventuras que suas inumeráveis ruas e lugares diversos secretam* (MAFFESOLI, 1984: 48).

No próximo capítulo, proponho-me a reativar experiências carnavalescas do Pacotão, secretadas nas ruas e avenidas da capital. Aventuras experienciadas por foliões que desafiaram, com muito humor, sarcasmo e irreverência, as amarras e interdições de um período histórico marcado pela repressão político-cultural, imposta pelo regime ditatorial, instaurado no País desde março de 1964. Com efeito, ruas e avenidas da

---

presente no dia da abertura do carnaval brasileiro, realizada no espaço Gran Folia, em fevereiro de 2008. Correio Braziliense: 02/2008.

<sup>24</sup> Há dezessete anos, o Galinho de Brasília se concentrava na entrequadra comercial da 203/204 Sul. Correio Braziliense; fevereiro de 2009.

<sup>25</sup> Todas as informações referentes ao conflito entre integrantes do Galinho de Brasília e soldados do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar do DF foram obtidas no site oficial da mesma instituição, no endereço: <http://www.pmdf.df.gov.br/Default.asp?pag=noticia&txtCodigo=2249>, acessado no dia 03/03/2009 às 19h30min.

<sup>26</sup> Algumas das mudanças de trajeto do desfile serão apontadas mais a frente.

capital passam a compreender o palco, a passarela e, sobretudo, o *espaço simbólico da reprodução de diferentes idéias de cultura* (SERPA, 2007: 09) – cultura não só entendida como modo de vida, mas como modo de luta (NUNES, 1993). Luta por liberdade política, por liberdades democráticas, por combate à corrupção, etc. De fato, a folia do bloco Pacotão, tanto no passado como no presente, é uma manifestação cultural de crítica e contestação a ordem político-social vigente.

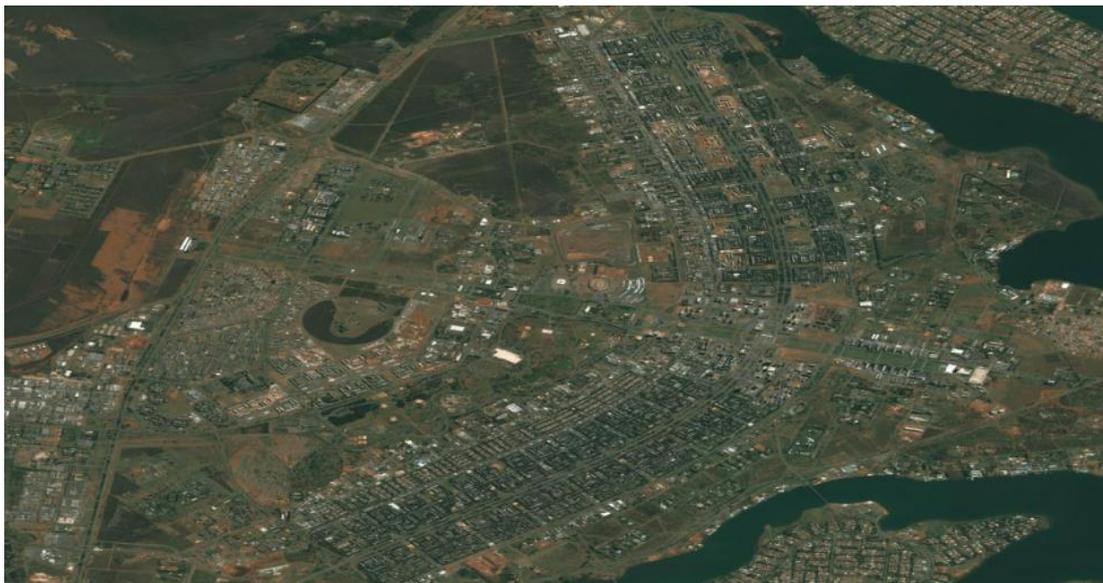


Imagem 3 – foto panorâmica de Brasília.

### CAPÍTULO 3

*O homem é o único ser vivo que ri.*  
*Aristóteles*

#### **3.1 - Debochando a ditadura e balançando o Pacotão: a ditadura militar nas lentes do Pacotão.**

*Não põe corda no meu bloco,  
nem vem com teu carro-chefe,  
não dá ordem ao pessoal.  
Não traz lema, nem divisa  
Que a gente não precisa  
Que organizem nosso carnaval.*

*Não sou candidato a nada  
Meu negócio é madrugada  
Mas meu coração não se conforma  
O peito é do contra  
E por isso mete bronca  
Nesse samba - plataforma;  
Por um bloco,  
Que derrube esse coreto,  
Por passistas à vontade  
Que não dancem o minueto;*

*Por um bloco,  
Sem bandeira ou fingimento  
Que balance e bagunce  
O desfile e o julgamento;  
Por um bloco,  
Que aumente o movimento  
Que sacuda e arrebente  
O cordão de isolamento.<sup>27</sup>*

---

<sup>27</sup> Canção Plataforma – composição de Aldir Blanc e João Bosco.

Embalados ao som da canção “Plataforma”, composta por Aldir Blanc e João Bosco, cerca de cem foliões tomaram as ruas e avenidas da capital – no ano de 1978 – para brincar a folia de Momo. Em entrevista concedida ao Jornal Correio Braziliense, naquele momento, o jornalista Cláudio Lysias, um dos fundadores do Pacotão, revelou que o bloco propunha *criar uma tradição de carnaval de rua na cidade*.<sup>28</sup> Num contexto marcado por incertezas frente aos rumos político-sociais da nação, um grupo de foliões, moradores da cidade, tomou para si o espírito anárquico cantado na letra supracitada. Ao elegerem a música *Plataforma* como musa inspiradora de seu carnaval,<sup>29</sup> revelaram, embora ainda embrionariamente, a tendência contestatória que atravessaria a proposta festiva do grupo. Os versos da canção operaram como diretrizes da animação. Irônicos, desde o princípio da folia souberam fazer com que a linearidade dos sentidos contidos em cada frase cantada pelo bloco insurgisse contra si mesma, de tal modo que os sentidos das palavras expressas por eles viessem a revelar entendimentos, sobretudo, em seu significado avesso. (NEGRÃO, 1997: 157) O modo irônico de cantar os versos das marchinhas logo se mostrou uma importante ferramenta para camuflar as críticas que os integrantes do bloco endereçavam aos dirigentes políticos da nação. Essa ferramenta foi utilizada, sobretudo, no período entre os anos de 1978 e 1984, época da chamada redemocratização – período que compreende o recorte temporal da análise a ser realizada nesse capítulo.

E foi assim que, no carnaval de 1978, os festeiros que, doravante também os denominarei de pacoteiros, apropriaram-se das avenidas W/3 Norte e Sul, transformando-as em passarelas de seu desfile. Nos lábios dos festeiros, a voz saltitante e desafiadora cantarolava:

*Por um bloco,  
Que derrube esse coreto,  
Por passistas à vontade  
Que não dancem o minueto.*<sup>30</sup>

Certamente não criticavam apenas o desfile constituído nos termos propostos pelas escolas de samba: *Não põe corda no meu bloco / Nem vem com teu carro-chefe*.<sup>31</sup>

---

<sup>28</sup> Correio Braziliense; 02/1978.

<sup>29</sup> Correio Braziliense: 02/1978.

<sup>30</sup> Canção Plataforma – composição de Aldir Blanc e João Bosco.

<sup>31</sup> Idem.

Embora estivessem falando sobre o carnaval, inclusive utilizando termos próprios à festividade momesca, a crítica tomada por empréstimo à canção Plataforma transcendia às discussões acerca de estilos ou modos de se fazer a folia. Estavam embutidas críticas tanto ao regime militar, quanto às características funcionais da própria cidade. Afinal: *Não da ordem ao pessoal / Não traz lema, nem divisa.*<sup>32</sup> A quem não desejavam obedecer? Quais ou que divisões contestavam?

Não pretendo engessar a possibilidade dos sentidos conferidos pelos foliões à canção que nessa ocasião foi por eles apropriada. Até mesmo porque, compartilho da visão de Odete Carvalho que, ancorada nos pressupostos de Henri Lefebvre, revela que a apropriação está referenciada a qualidades, atributos, incluindo, ainda, *o afetivo, o imaginário, o sonho, o corpo, o prazer* (CARVALHO, 1996: 73). Todavia, os foliões a que me refiro são, antes de tudo, sujeitos sociais inseridos em uma coletividade, imersos a sensibilidades que não devem ser vistas em seu isolamento, mas pensadas como elementos integrados ao contexto e em conexão com outras instâncias (MATOS, 2005: 426). Falo de um contexto marcado pelo processo de transição entre um regime militar, ditatorial, instaurado no País havia quatorze anos e uma, ainda, suposta promessa de democracia a ser estabelecida.

Não posso deixar de frisar que os foliões que fundaram o Pacotão<sup>33</sup> eram, em sua maioria, jornalistas vindos de outros estados, em decorrência da oferta de emprego surgida em função da cobertura dos eventos que marcavam a vida política brasileira naqueles anos. Sejam setoristas, sejam cartunistas, o que deve ser enfatizado é que se tratavam de pessoas que estavam envolvidas com os assuntos da cena política nacional. Nada mais coerente, pelo menos assim vejo, que os sentidos atribuídos pelos mesmos às suas experiências profissionais no contexto influenciassem na forma como elaboravam suas festividades. Como já apontado anteriormente, as festas operam como vitrines da própria alma das sociedades.

Por outro lado, afirmar que os foliões que fundaram o Pacotão somente o fizeram porque desejavam brincar o carnaval de forma distinta dos modelos oferecidos pelo reinado de Momo<sup>34</sup> na capital, não é de todo incorreto.<sup>35</sup> Muito embora também

---

<sup>32</sup> Idem.

<sup>33</sup> Carlão Lysias, Carlos Augusto Gouveia – o Carlão, David Renault, Fernando Lemos, Guarabira, Márcio Varela, Moacyr de Oliveira Filho – o Moa, e o Racsow – são considerados os fundadores do Pacotão. Informações obtidas no endereço: [http://www.brasiliatur.com.br/pacotao\\_joanfi.htm](http://www.brasiliatur.com.br/pacotao_joanfi.htm) Data: 05/03/2007 às 10:30 h/s.

<sup>34</sup> A mitologia grega trata Momo, filho do Sono e da Noite, como o deus da zombaria, do sarcasmo, da galhofa, do delírio, da irreverência e do achincalhe. Diante do seu costume de criticar e ridicularizar os

não o seja afirmar que eles fundaram a agremiação única e especificamente em função da falta de opções da folia carnavalesca brasileira. Talvez o mais sensato seja explicar que foram diversas as variantes que influenciaram na idéia de formação do bloco, sendo que tanto o contexto político-social da época, quanto as características espaciais e festivas da cidade, ocuparam lugar de destaque no processo de constituição da folia. Ainda sobre essa questão, vale destacar, de modo pormenorizado, outro aspecto. Falo da recorrente menção à idéia de bagunça, não organização, tão recorrente na história do bloco. A canção Plataforma também potencializa a reflexão a esse respeito. E nesse sentido, cabe observar os seguintes versos:

*Que balance e bagunça  
O desfile e o julgamento.  
Que a gente não precisa  
Que organizem nosso carnaval.*

Não vejo análise mais sensata para esses versos que os versos compostos por Chico Science e Nação Zumbi, para quem: *desorganizando eu posso me organizar / me organizando eu posso desorganizar.*<sup>36</sup> Mas fica, ainda, o questionamento: Bagunçar o quê e para quê? Ou, ainda, que tipo de organização rechaçavam? Nunca é demais lembrar que a canção Plataforma, embora não tenha sido composta pelos foliões que fundaram o Pacotão, foi tomada por eles como musa inspiradora da folia. Deixando em suspenso os questionamentos antes observados, embora reforçando que os mesmos continuarão a direcionar os caminhos da pesquisa, recorro, por mais uma vez, às observações sempre instrutivas de Roberto da Matta.

---

outros deuses, a divindade maior do Olimpo perdeu a paciência com ele e o despachou para a Terra, onde o divino deportado passou a ser representado por um jovem tirando a máscara e mostrando o rosto zombeteiro, ao mesmo tempo em que sacudia guizos e apresentava o estandarte da folia que era a razão da sua existência. A figura de Momo no carnaval brasileiro surgiu em 1933, no Rio de Janeiro, graças a um cronista esportivo do jornal “A Noite” que apresentou aos carnavalescos um boneco feito em papelão e sugeriu sua indicação como comandante da folia. Esse boneco desfilou no centro da cidade, sendo depois colocado em seu trono para presidir de forma simbólica as comemorações daquele ano. Mas como os proprietários do jornal não se contentaram com o resultado conseguido, foi então iniciada uma campanha para escolher um rei de carne e osso, que acabou sendo o muito gordo Moraes Cardoso, responsável pela seção de turfe da empresa jornalística. Após ser vestido como rei e saudado com um “Vive le Roi” pelos seus colegas de redação, o jornalista desfilou pelas ruas da cidade, onde foi saudado com muita serpentina, confete e lança-perfume. Estava criada, assim, a figura do rei Momo, primeiro e único.

<sup>35</sup> Nesse período, as festas carnavalescas mais conhecidas na urbe ocorriam nos clubes da cidade, chamadas de bailes de carnaval. No espaço da rua, tinha-se um carnaval oficial – entendido aqui como aquele das escolas de samba, as quais contam com apoio governamental e organizam-se de modo articulado com as normas definidas pelas instituições governamentais e particulares. Nessa época, a Avenida W/3-Sul era o palco do desfile dessas agremiações de samba.

<sup>36</sup> Da Lama Ao Caos (Nação Zumbi). Composição: Chico Science

O carnaval, conforme observa esse antropólogo, surge como uma imensa tela social, onde múltiplas visões da realidade são simultaneamente projetadas (DAMATTA, 1981: 122) No carnaval do Pacotão, um dos fortes exemplos dessa incorporação de visões em seu desfile são as faixas que expressam, geralmente, indagações de protesto. Essas são carregadas pelos foliões durante a realização dos desfiles. Não podendo deixar de informar que desde o primeiro ano em que o Pacotão saiu às ruas da cidade, essa foi uma prática característica da brincadeira apresentada.



Imagem 4 – Foliões cruzam complexos de viadutos com direção a Asa Sul.  
Correio Braziliense; 02/1978

Duas faixas ganharam destaque na cobertura do carnaval de 1978 por parte do Correio Braziliense – carnaval que, aliás, aparece representado pela imagem acima esboçada. Os dizeres das faixas informavam: *Tropecei na abertura* – alusão às controvérsias que envolviam o processo de abertura política iniciado em 1975, vigência do mandato presidencial de Geisel – e, *Anestesia ampla, geral e irrestrita* – também referência ao processo de redemocratização. No entanto, a faixa mais conhecida da história da agremiação segue logo abaixo, embora em um outro enquadramento ela também apareça na imagem acima. Uma junção de palavras em alemão organizadas na seqüência: *der Pacoton Lieben und Khu shey*, chamou a atenção do antigo Serviço Nacional de Inteligência (SNI). Agentes do órgão disfarçados de portugueses

acompanharam à distância o desfile do bloco em fevereiro de 1978. Ao final, não conseguiram desvendar o que talvez pudesse ser alguma espécie de mensagem subversiva codificada. Na verdade, a junção de tais palavras não possuía sentido coeso. Tratava-se apenas de um jogo de palavras que fazia referência às origens germânicas do general Geisel.<sup>37</sup>



Imagem 5 – Foliões carregam faixa com alusão às origens germânicas de Geisel.  
Correio Braziliense: 02/1978

Estas frases formam imagens, seguem critérios, idéias ou intenções, pautadas pelo imaginário social da época em que foram produzidas (POSSAMAI, 2007: 57) A visualidade opera como elemento central no fazer carnavalesco dos blocos de sujeitos. As fantasias, faixas, adereços de um modo geral, caracterizam as representações dos foliões frente à realidade social a que estão inseridos, sinalizando, assim, o modo como a desejam representar.

---

<sup>37</sup> Informações obtidas no artigo de Moacir de Oliveira Filho, já citado anteriormente.



Imagem 6 - Ala dos umbigos profanos, levados pelo suor anárquico da cerveja vertida em cascatas liberais. Correio Braziliense: 02/1979

Para clarificar o entendimento acerca das características, ou do contexto em que é instituído o carnaval praticado pelo Pacotão, retrocederei com a análise em um ano. Em outras palavras, abordarei alguns aspectos do cenário político do ano de 1977 – ano em que foi fundado o Pacotão. A ênfase recairá nos acontecimentos que à época marcavam a cena política nacional. Para iniciar essa incursão, recorro às palavras de Gaspari:

*Desde novembro de 1974, quando faltara à Arena a maioria de dois terços no Congresso, condição necessária para a aprovação de quaisquer emendas constitucionais, a ditadura perdera a capacidade de produzir um projeto autônomo de reforma política. Mais que isso: pusera em risco a permanência no poder do arco de interesses que capturara o governo em 1964 (GASPARI, 2004: 353).*

É necessário frisar que, de fato, em 1966, os militares impuseram o bipartidarismo no Brasil. Tanto a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), partido governista, quanto o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que fazia uma suposta oposição ao primeiro, foram criados pela própria ditadura com o objetivo de dar um ar de democracia ao regime instaurado.

Em 1977, porém, anteendo a possibilidade de derrota nas eleições previstas para 15 de novembro de 1978 – eleições diretas para a escolha dos governadores e para a renovação de dois terços do Senado, de toda a Câmara dos Deputados e Assembleias Legislativas Estaduais (GASPARI, 2004: 354), o regime militar se antecipa, pois: *Uma ditadura em que a oposição tivesse a maioria no Senado e governasse os estados onde se concentravam quase dois terços do Produto Interno Bruto seria uma contradição* (GASPARI, 2004; 354). Nada mais conveniente, então, aos olhos do governo ditatorial, que a elaboração de uma reforma para barrar, ainda que temporariamente, aquela situação que se lhe apresentava extremamente adversa. Daí, na manhã de 1º de abril de 1977, Geisel reuniu o Conselho de Segurança Nacional e valendo-se dos poderes do AI-5, fechou o Congresso por tempo indeterminado. <sup>38</sup> *Depois de quatorze dias de deliberações, produziram o texto da Ementa Constitucional nº 8, que entraria para a vida política e a história brasileira com a alcunha de ‘Pacote de Abril’.* <sup>39</sup>

Nada alheio aos acontecimentos acima esboçados, descontraídos entre uns e outros goles de cerveja no bar do Clube da Imprensa em Brasília, localizado às margens do Lago Paranoá, um grupo de jornalistas resolveu criar um bloco de carnaval para brincar a folia nas ruas da capital. “Pacotão”, é claro, era uma divertida alusão ao “Pacote de Abril” acima descrito. Acostumados a lidar com a produção de notícias, visto que eram jornalistas, profissionais da imprensa, e sedentos pela liberdade de expressão, abriram a rodada de conversa para pensar sobre o nome de batismo da agremiação. E, assim, chegaram à conclusão, embora não se possa afirmar que tenham chegado ao consenso, que o nome completo do recém-formado bloco deveria ser: *Sociedade Armorial, Patafísica e Rusticana – O Pacotão*. Jogo de palavras bem articuladas, senso crítico banhado de humor!/? Bem, tudo isso e mais um pouco!

---

<sup>38</sup> Idem.

<sup>39</sup> Idem.

“Sociedade Armorial”, sugerido por Carlão, tomava emprestado o nome de um Bloco criado um ano antes em Recife, a Sociedade Armorial Siri Lata.<sup>40</sup> “Patafísica”, idéia de Cláudia Lysias, pretendia incorporar ao Pacotão o espírito anárquico, irônico e bem-humorado da corrente de pensamento criada na Segunda metade do século XIX pelo francês Alfred Jarry, autor de Ubu Rei. Em artigo escrito por Moacyr de Oliveira Filho, o Moa, as palavras de Claudio Lysias compõem para informar que o Pacotão pegou carona na Patafísica de Jarry, pois ao longo do tempo a mesma caracterizou um exercício de humor e ironia contra os chamados donos da verdade, situados à esquerda, à direita, principalmente no centro.<sup>41</sup> Finalmente “Rusticana”, sugestão de Alexandre Lobão, era uma referência brincalhona à cavalaria, armada do general – presidente Ernesto Geisel e de seu sucessor João Baptista Figueiredo. Como se pode ver, a criatividade e a ironia sempre foram recursos utilizados pelos foliões do Pacotão. Afinal, eram partidários da Patafísica de Jarry.

Mas, aprofundando um pouco mais na análise das relações sociais, dos conflitos e embates que constituíam o contexto sócio-histórico dos anos finais da década de setenta, com ênfase nos acontecimentos ocorridos em Brasília durante a cobertura do carnaval de 1979, questiono em que proporção os moradores da cidade acreditavam no processo de redemocratização vigente. Cada contexto histórico carrega seus conflitos, seus confrontos e tensões, arquitetando situações cujas relações entre passado e presente são dinamicamente ativadas, surgindo daí a possibilidade de que ganhadores e perdedores, vencedores e vencidos, mesmo que momentaneamente, produzam suas versões sobre uma mesma história experienciada (NUNES, 2005: 22). História que, conforme assinala

---

<sup>40</sup> Em 1976, em um Brasil ainda sem democracia e com muitas repressões, surgia em Pernambuco o Bloco Anárquico Armorial Siri na Lata, com intuito de agregar todas as tribos, sem restrições de cor, raça e sexo. Pelo contrário, a ordem aqui era uma só: liberar geral. Os fundadores do Siri queriam apenas brincar o carnaval, beber, namorar e falar mal do governo. O apuro sonoro era o que menos importava, a estrutura musical era precária, imperava o improviso. No desfile inaugural não havia orquestra, apenas a batucada de latas de cerveja, apitos, um velho bumbo e até um músico de verdade: Zé da Flauta, que misturava frevo com maestria aos acordes de Wágner. Na frente, um pau de algodão doce fazia as vezes de estandarte. Fantasias? Só as sexuais. A marca do Siri, desde sua estréia nas ladeiras de Olinda, é o exagero e a boataria. Para se ter uma idéia, às vésperas do carnaval, era comum sair nos jornais matérias que anunciavam a presença no desfile de personalidades como Jorge Amado ou Jean-Luc Godard. Tudo ia bem até que um dia o boato se tornou realidade: corria na boca maldita que Chico Buarque iria desfilar no bloco. E não é que ele foi? O certo é que, de 1976 para cá, o Siri nunca mais foi o mesmo. Continua anárquico e espalhando boatos, mas está grandioso, soberbo. Mudou até de endereço, trocando seu quartel-general no bar Maconhão, em Olinda, pelo histórico Bairro do Recife. Depois, aos olhos dos puristas, desandou de vez: foi para a Zona Sul. Em 2004, pegou carona na inversão do trânsito, e retorna ao Recife Antigo. "O Siri não gosta de ficar parado no tempo ou no espaço", explica o comendador Adriano Freyre, empenhado agora em consolidar de vez o carnaval no centro da cidade. Informações obtidas no endereço: <http://www.blocosirinalata.com.br/historias-bloco.html> Data: 04/04/2008 às 19:00 h/s.

<sup>41</sup> Artigo escrito por Moacyr de Oliveira Filho. Op. Cit.

Benjamin: (...) *é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de 'agoras'* (BENJAMIN, 1987: 229). Nesta perspectiva, é interessante notar alguns eventos ocorridos no carnaval de 1979. Em uma das manchetes do Correio Braziliense daquele ano, a seguinte notícia chamou atenção: *Polícia espanca jornalista na avenida.*<sup>42</sup>



Imagem 7 - Fotografia de Osny Colixto desmaiado em uma maca do Hospital de Base. Correio Braziliense; 02/1979.

Tratava-se do jornalista Osny Colixto que na ocasião cobria o carnaval de blocos na avenida W/3 Sul. A mesma reportagem ainda informava:

*'Tem um pessoal aí querendo pegar vocês'. Esse aviso, dado discretamente por um agente da polícia no sábado de carnaval, quando dois jornalistas já haviam sido agredidos por soldados da PM, chegou um pouco tarde, mas foi sintomático.*<sup>43</sup>

Em nota contra o ocorrido, o sindicato dos jornalistas expressou:

*O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Distrito Federal denuncia as violências cometidas contra os jornalistas que faziam a cobertura do desfile de blocos, sábado, na avenida W/3. Dois profissionais, Luiz Solano e Osny, foram agredidos pela Polícia Militar sendo que o segundo teve de ser atendido no hospital de Base.*<sup>44</sup>

Em um tempo marcado por fortes embates sociais, tempos em que jornalistas eram agredidos por Policiais Militares na cobertura das manifestações populares da

<sup>42</sup> Correio Braziliense: 02/1979.

<sup>43</sup> Correio Braziliense: 02/1979.

<sup>44</sup> Idem.

cidade, ou ainda, agentes do SNI se infiltravam nas folias carnavalescas da urbe em busca de idéias julgadas subversivas aos olhos do regime, talvez não fosse das atividades mais seguras desfilar pelas ruas e avenidas da Capital Federal, cantando para quem quisesse ouvir, que:

*Geisel você nos atolou,  
O Figueiredo também  
vai atolar,  
Aiatolá, Aiatolá,  
Venha nos salvar,  
Que esse governo já ficou  
Gagá, gagagagiesel...<sup>45</sup>*

Naquele ano, o general João Baptista Figueiredo substituía seu colega de farda, Ernesto Geisel, na Presidência da República.



Imagem 8 - Foliões carregando faixas com o pedido de anistia.  
Correio Braziliense: 02/1979.

No contexto internacional, o Xá do Irã Mohammad Reza Pahlavi era derrubado pela Revolução Islâmica, dando lugar a uma república islâmica liderada pelo Aiatolá Khomeini. Em Brasília, os foliões pacoteiros por meio da marchinha do Aiatolá propunham, ironicamente, que também no Brasil fosse instaurada uma revolução nos moldes da realizada no Oriente, pois os governantes brasileiros, na ocasião, há muito já haviam ficado gagás. Nesse carnaval, os cerca de mil foliões – cálculo normalmente feito pela Polícia Militar e divulgado pela imprensa censurada – embalados ao som da marchinha Aiatolá – canção que a partir do mesmo ano tornar-se-ia o hino do bloco –

<sup>45</sup> Marcha do Aiatolá - Composição de Moacir de Oliveira Filho, Samuca e Rubens Artigas. Carnaval de 1979.

tomaram as avenidas e as manchetes dos jornais na capital. Colocar algumas centenas de festeiros para desfilar de sujós, com críticas de cunho político, em uma cidade vigiada pelo regime militar – cabendo lembrar a figura do Ministro do Exército, Silvío Frota, que desempenhou papel fundamental nesse sentido – era, de fato, um desafio. E o bloco Pacotão o fez.

Os foliões não somente cantavam os versos debochados da marchinha, como também carregavam faixas com pedidos de todas as ordens, sobressaindo, porém, o pedido de anistia irrestrita que contemplasse a todos os perseguidos pelo regime. Embalados pela marcha do Aiatolá, inúmeros festeiros não tardaram em engrossar as fileiras do bloco, formando um coro de vozes, faixas, e fantasias, assemelhavam-se a uma marcha, que embora fosse desfile carnavalesco, também operava como instrumento de crítica.



Imagem 9 - Num estilo irônico, os festeiros pediam por anestesia, ampla, geral e irrestrita, referindo-se, é claro, a anistia que no momento era tão desejada. Correio Braziliense: 02/1979.



Imagem 10 – Folião e sua fantasia de enfaixado. Correio Braziliense: 02/1979

O folião que aparece na fotografia acima está fantasiado de *perna enfaixada*, sendo que uma das faixas que ajudava a carregar dizia: *Tropecei na Abertura!* Alusão ao processo de abertura política, mas que de um modo irônico, e trocando em miúdos, dizia apenas que havia tropeçado na avenida. Outras duas faixas tiveram bastante notoriedade no desfile daquele ano. Uma dizia: *abre e arrebenta* – cobrança dos foliões ao compromisso feito na época pelo presidente Figueiredo, que prometeu prender e arrebentar aqueles que fossem contrários ao seu projeto de abertura política. A outra oferecia: *Aceita um xazim?* Na época alguns chegaram a pensar que era maconha. Mas a oferta apenas se referia, por mais uma vez, ao Xá do Irã, derrubado pela revolução dos Aiatolás. Partindo do pressuposto de que os foliões pacoteiros se referiam à revolução iraniana para lembrar, simbolicamente, a necessidade de fazer uma aqui no Brasil - derrubando a ditadura militar, eles não poderiam deixar de presentificar na folia o principal personagem do Irã: o Aiatolá Khomeini que, na foto abaixo, cantava com os demais foliões a canção do *Aiatolá*.



Imagem 11 – Aiatolá comparece ao desfile, pelo menos em fantasia. Correio Braziliense; 02/1979.

Durante o percurso de aproximadamente sete quilômetros, desde o antigo Bar do Chorão na CLN-302 Norte até a W/3 Sul, altura da Quadra 508, a agremiação teve suas fileiras engrossadas por populares que se encontravam nos pontos de ônibus, nas quadras e nos veículos.<sup>46</sup> Os foliões do Pacotão não se intimidaram com os acontecimentos antes mencionados, envolvendo a cobertura do carnaval brasileiro. Cada folião que aderiu a festa trazia sua representação da realidade compartilhada, sendo essa expressa seja por fantasias, seja por faixas, ou, seja ainda, pelo canto, pelo cantalarar da animada canção. Portanto, é importante assinalar que,

(...) a percepção do real que o sujeito produtor do discurso expressa em sua música não é apenas individual, pois este é um ser social, um sujeito histórico socialmente construído e inserido em um imaginário (SILVA, 2005: 12)

Contudo, conforme já assinalado, no contexto do carnaval praticado pelo Pacotão, não somente as canções, mas as fantasias e faixas, isto é, as imagens que as mesmas representam, estão relacionadas ao sujeito histórico que as produziu, ou seja, as pessoas e grupos – também socialmente construído e inserido num imaginário social compartilhado naquele momento. Com efeito, o sentimento e desejo expresso nas faixas, fantasias ou canções, não se limitam à verbalização de uma aspiração individualizada. Eles são expressões de um sentimento coletivo.

<sup>46</sup> Correio Braziliense; fevereiro de 1979.

Com relação a música, porém, é necessário fazer um detalhamento. Nos carnavais dos blocos de sujos, ao invés do samba, o estilo musical que impera é a marcha. É importante observar que a marcha está mais para ser cantada do que dançada. Ao repetirem por diversas vezes os versos do Aiatolá, os foliões compartilhavam de um sentimento, desejavam mudanças em comum, contestavam na mesma medida em que se divertiam entoando os versos da irônica canção.

Em função das circunstâncias do momento histórico abordado, marcado por ocorrências explícitas de violência por parte das instituições repressoras a serviço do regime, táticas de crítica camuflada foram adotadas pelos festeiros, visando, assim, driblar a possibilidade de retaliações por parte da repressão. Para Michel de Certeau, as táticas operam seus efeitos e sentidos para além do ato em si, configurando um não-lugar que força um movimento (CERTEAU, 1994: 101). Nesse sentido, a partir do carnaval de 1979, o espaço de festividade surgido em meio às experiências carnavalescas da *Sociedade Armorial, Patafísica e Rusticana*, transformou-se em lugar para as manifestações de críticas, principalmente políticas, da população brasiliense.

Certeau diz ainda que uma *rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres*, (CERTEAU, 1994: 202). Ancorado nessa afirmação, posso dizer, portanto, que as avenidas planejadas de Brasília, definidas por perspectivas urbano-modernistas, transformaram-se em passarelas para o desfile do tradicional Pacotão. Táticas implicam movimento dentro do campo de visão do inimigo, e no espaço por ele controlado (CERTEAU, 1994: 100). A rua, de acordo com Matos, configura o espaço de controle do Estado Moderno que institui, calcado em referenciais como funcionalidade, eficiência e racionalidade, o modo adequado para utilizá-lo (MATOS, 2005: 410). Nesse entendimento, é possível compreender o desfile na *contramão* das avenidas W/3 Norte e Sul, realizado desde o princípio da festa, como uma prática que extrapola a ação em si, desdobrando-se para sua dimensão simbólica, representando, desse modo, o desejo de contestação, atitude que se expressava, em seu princípio, contrária a uma ordem social e política repressiva e arbitrária. Através da imaginação simbólica – é necessário enfatizar – diz-se ou se mostra uma coisa ou uma idéia através de outra. A relação que se estabelece entre significante (imagens, palavras, ações) com seus significados (representações, significações) constitui a dimensão simbólica aqui empregada (PESAVENTO, 1995: 22).<sup>47</sup>

---

<sup>47</sup> No capítulo quatro voltarei a abordar a temática do desfile na *contramão*. Neste momento, porém, é importante atentar para os limites conceituais empregados no termo: tática.

### 3.2 – Charles Preto abre alas para o desfile na contramão: táticas, astúcias para driblar a repressão.

Revelar que uma das primeiras táticas adotadas pelos foliões do Pacotão para amenizar a possibilidade de sofrerem retaliações por parte da repressão militar consistiu no entendimento de que a intenção era apenas *brincar*, talvez não configure uma *super-interpretação*. Afinal, o grupo fundador da agremiação em momento algum deixou de expressar o desejo de criar um modo diferente de se brincar a folia de Momo na Capital Federal. Por outro lado, afirmar que a idéia de fundar o bloco não passou de pretexto, isto é, que na verdade os foliões desejavam criar uma manifestação popular com vistas à possibilidade de coadunar o maior número de críticos ao regime, provavelmente implicaria no levantamento de hipótese um tanto problemática. Com base nos estudos que realizei, penso que a própria dinâmica das relações sociais de cada contexto de produção dos festejos incumbiu-se de engendrar as motivações para sua realização.

Nesse sentido, é pertinente informar que nos últimos anos da década de setenta muitos jornalistas haviam migrado para Brasília em função do aquecimento do mercado local que absorvia profissionais para a cobertura de eventos vinculados à cena política brasileira. Quase todos os fundadores da agremiação trabalhavam nesse setor, sendo, portanto, recorrente o contato dos mesmos com os bastidores da vida política nacional do momento.<sup>48</sup> No vai e vem de questionamentos acerca das motivações que originaram a festa, é interessante perceber que no primeiro carnaval da agremiação, as referências ao regime militar não se deram na mesma proporção que se verificou no ano seguinte, o que não significa – reforço – dizer que em 1978 elas não tenham tido relevância e repercussão pública. A canção Plataforma, de Aldir Blanc e João Bosco, muito embora tenha ocupado lugar de destaque no primeiro desfile do Pacotão, foi a marchinha de nome *Saudade da Beleza*,<sup>49</sup> composta por integrantes da agremiação, a música oficial do bloco no carnaval daquele ano.

---

<sup>48</sup> Informações obtidas em entrevista com um dos principais responsáveis pela realização do desfile do Pacotão nos carnavais atuais. Maiores esclarecimentos acerca das duas entrevistas temáticas realizadas, bem como informações acerca de sua adoção por parte do presente estudo serão apresentadas no próximo capítulo.

<sup>49</sup> Artigo de Moacyr de Oliveira Filho. Op. Cit.

*O Pacotão*  
*Com saudade da beleza*  
*Saúda o povo*  
*E revela com tristeza*  
*Que seu carnaval*  
*Não existe mais,*  
*O Pacotão*  
*Ô, ô, ô, ô, quem tinha razão*  
*Era o meu avô*  
*O 'Pacotão',<sup>50</sup>*

Como é possível notar, nenhuma menção à ditadura foi pronunciada na canção. Uma mistura de nostalgia com saudosismo revelava o desejo de retorno dos foliões aos carnavais de outros tempos, tendência e motivação essa que marcou e, ainda hoje marca, a festividade. Todavia, o próprio nome do bloco já estava associado aos assuntos da política. O símbolo da festa, uma tartaruga, também fazia referência ao contexto sócio-político do período: representava o ritmo de abertura pretendida por Geisel, **lenta**, segura e gradual. Como já assinali, inspirado em Damatta, o carnaval surge como uma imensa tela social, onde múltiplas visões da realidade social são simultaneamente projetadas. Foliões são, antes de tudo, sujeitos sociais interpelados por valores, por experiências compartilhadas e constituídas a partir da relação com o outro, em um espaço e tempo definidos. Parte das experiências individuais e coletivas extraídas do cotidiano dos festeiros que aderiram à idéia do bloco, no final da década de setenta, foram projetadas, isto é, representadas na folia carnavalesca.

Tais representações encontram-se entre o experienciado, isto é, o vivido pelos foliões e o concebido pelos mesmos (CARVALHO, 1996: 80). Em outras palavras, cada representação da realidade social construída pelos festeiros durante a realização dos desfiles – fantasias, faixas, canções, narrativas orais, e outros – não somente é possibilitada pelas características sociais, políticas e históricas do contexto em que foi produzida, mas também resulta de um processo conflituoso em que estratégias de interesses e manipulações são constantemente adotadas. (PESAVENTO, 1995: 15). Nessa direção, torna-se importante refletir sobre os sentidos e respectivos motivos que originaram a folia, bem como suas múltiplas configurações e reconfigurações. Daí, retomo o aspecto lúdico da festa.

Com efeito, o carnaval do bloco Pacotão é antes de tudo uma brincadeira, como já destacado acima. A brincadeira é constitutiva das folias carnavalescas, o que faz com

---

<sup>50</sup> “Saudade da Beleza”, marchinha composta em 1978 por Claudio Lysias, Guarabira e Carlão, fundadores da agremiação.

que dois questionamentos sejam apontados. Primeiro, até que ponto as autoridades do regime militar deveriam se preocupar com as atitudes, falas e brincadeiras de um grupo de foliões, ou seja, de **loucos**? Segundo, por que haveriam de se preocupar com as falácias e risos de loucos, integrantes de um bloco de sujos, portanto, auto-intitulados como os mais baixos entre os mais baixos, os que se encontram nos porões e esgotos sociais? (DAMATTA, 1981: 127) Já de início, posso esclarecer que, de algum modo, as autoridades do regime se preocuparam, sim! O exemplo das agressões a jornalistas, ou, o episódio dos agentes do SNI infiltrados nos carnavais da época, conforme narrei anteriormente, corrobora com este entendimento. Por outro lado, não posso afirmar – com base nas informações obtidas na pesquisa – que os militares tenham elaborado algum tipo de vigilância sistematizada, com vistas à inibição de toda e qualquer ação julgada subversiva durante os dias de folia. Afinal, como esclarece Damatta: *Existe no Brasil a suposição de que durante o carnaval nada do que acontece é sério* (DAMATTA, 1986: 122) Ou ainda, *o carnaval é um momento sem dono, posto que é de todos* (DAMATTA, 1981: 122). Tomando por empréstimo da sabedoria popular as expressões *o seguro morreu de velho* e *não desejavam pagar para ver*, os dirigentes do bloco não tiveram o mesmo entendimento esboçado por Damatta. Por isso, parece-me, que o núcleo dirigente da agremiação – chamado *Politburo* – escolheu a fictícia personagem **Charles Preto** como presidente vitalício e *ditador* perpétuo do bloco. E quem haveria de ser essa personalidade de tamanha importância?

Quando se escutou o som hilário do bloco na cidade, escutou-se também, pela primeira vez, falar de Charles Preto, figura emblemática e simbólica da *Sociedade Armorial, Patafísica e Rusticana*, que comparece nos dias de festa para *conceder entrevistas, assinar notas oficiais, brigar, protestar, reclamar, inventar novidades e até aparecer na televisão*.<sup>51</sup> Existiu um tempo em que configurou desafio para os jornalistas da cidade designados para cobrir o carnaval do bloco – falo dos jornalistas menos experientes – conseguir *uma exclusiva* com essa personalidade do Pacotão.<sup>52</sup> Tarefa impossível, já que Charles Preto nunca passou de um mero personagem fictício, cujo nome é um trocadilho com o do Carlos Black, diretor do Departamento de Turismo/ Detur, do governo local, à época da fundação da agremiação.

No primeiro desfile do bloco, esse diretor de turismo ameaçou não permitir sua passagem pela W/3 Sul, uma vez que naquele espaço já eram realizados os desfiles

<sup>51</sup> Correio Braziliense: 02/1978.

<sup>52</sup> Artigo de Moacir Oliveira Filho, Op. Cit.

oficiais das escolas de samba do carnaval de Brasília. O Pacotão não somente passou, como passou pela contramão e com o boneco Charles Preto, ironizando o diretor do Detur. Caso as autoridades do regime militar procurassem os responsáveis pela festa, ou tentassem atribuir responsabilidades a algum membro do bloco, teriam de procurar tanto por seus dirigentes – Politburo – quanto por seu presidente – Charles Preto – haja vista que para efeitos legais, o corpo dirigente é quem responderia pelas ações da agremiação. E essa *estrutura de poder* do bloco continua nos dias atuais. Conforme demonstra a imagem abaixo, Charles Preto continua a esbaldar jovialidade e energia durante os desfiles do Pacotão.



Imagem 12 - Charles Preto abrindo passagem no carnaval de 2007. Logo a sua frente, a bezerra do ex-Senador Joaquim Roriz, lembrando que ele foi obrigado a renunciar ao seu mandato, após denúncias de corrupção envolvendo a venda de uma bezerra com valores exorbitantes. Correio Braziliense 02/2007.

Charles Preto se tornou um símbolo da agremiação, uma vez que também representa o desejo de autonomia do bloco com relação aos órgãos de governo instituído, inclusive do próprio carnaval chamado de oficial.<sup>53</sup> Em 1979, o próprio Carlos Black, percebendo a aceitação da agremiação pelos moradores da cidade, anunciou para a mesma um prêmio de bloco mais animado de Brasília. Com base nas informações levantadas, o que se sabe é que até hoje ninguém da agremiação compareceu para receber a honraria. Por diversas vezes, no transcorrer dos trinta e dois anos da festividade, o Pacotão foi sondado pelas instituições governamentais para participar do chamado carnaval oficial, mas sempre recusou. Cabe citar outras recusas,

---

<sup>53</sup> A não adesão do bloco ao espaço Gran Folia, já no ano de 2008, vai de encontro a esta reflexão. Sobre este tema ainda voltarei a falar no próximo capítulo.

que vão desde a sugestão do atual Governo de Brasília para que os blocos tradicionais da cidade desfilassem em direção ao espaço Gran Folia, episódio já comentado, à solicitação dos diretores do Detur – nos anos oitenta – para que o bloco Pacotão desfilasse no Eixão da folia, local para onde foram transferidos os desfiles oficiais do carnaval brasiliense.



Imagem 13 - Eixão Sul enfeitado para o carnaval de 1983. Correio Braziliense: 02/2007.

Vejo nos aspectos da folia acima abordados não somente a expressão de táticas para camuflar as críticas endereçadas aos militares durante os anos de transição política. Estes últimos estavam de posse de toda uma aparelhagem repressiva legada por anos e anos de arbitrariedade, opressão social e repressão política – AI-5; SNI; DOI-CODI, etc.<sup>54</sup> E os foliões? Segundo Certeau: *Quanto mais fracas as forças submetidas à direção estratégica, tanto mais estará sujeita à astúcia* (CERTEAU, 1994: 101). Compreendo, portanto, que foram astutos os foliões ao se fazerem valer dos recursos do riso para expressar seus sentimentos, suas visões, suas representações da realidade experienciada. Cabendo ainda lembrar que, *torna-se necessário observar as táticas e*

<sup>54</sup> O Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI- CODI) foi o órgão de inteligência e repressão do governo brasileiro durante o Regime Militar. AI-5, Ato Institucional Nº. 5, foi o quinto de uma série de decretos emitidos pelo regime militar brasileiro nos anos seguintes ao Golpe de 1964. SNI, Serviço Nacional de Informações, foi um órgão de apoio ao regime incumbido, dentre outras tarefas, de supervisionar e coordenar as atividades de informações e contra-informações no Brasil e no exterior.

*estratégias criativas postas em prática pelos populares ante a violência da ordem opressiva que sobre eles incidia* (SOIHET, 2008: 13).

### 3.3 – O poder do riso como instrumento de crítica.

*O recurso ao riso como instrumento de crítica*, aponta Rachel Soihet em sua tese de doutoramento, *revela uma prática muito antiga, que remontaria a um período da história da humanidade anterior à própria formação do Estado, quando os aspectos sérios e cômicos tinham peso idêntico* (SOIHET, 1998: 13). Após rápida incursão reflexiva acerca das dimensões do riso nos períodos compreendidos entre a chamada Idade Média e o Renascimento, a autora direciona seu enfoque para o século XVII, ancorando sua fala nas observações de Bakhtin a respeito da mesma temática:

*Bakhtin assinala que o século XVII marcou a estabilização do novo regime da monarquia absolutista, que encontrou sua expansão ideológica na filosofia racionalista de Descartes e na estética do classicismo. Novamente, instala-se uma cultura oficial, distinta daquela da Igreja e do feudalismo, menos dogmática, mas como esta última, impregnada de um tom sério autoritário.* (SOIHET, 1998: 13)

Toda e qualquer semelhança entre o regime acima informado e o regime militar brasileiro, o qual estou abordando, não passa de analogia. Embora seja interessante frisar que em ambas as épocas predominou, pelo menos oficialmente, uma política autoritária impregnada de um tom sério. O político Leonel Brizola, certa vez, mencionou que *uma boa risada é capaz de derrubar qualquer governo*.<sup>55</sup> Talvez não desejassem os foliões do Pacotão derrubar o regime vigente, a partir de suas risadas, mas certamente sabiam que rindo de seus algozes estariam, de certo modo, expondo-os ao ridículo diante da nação.<sup>56</sup> Aqui, no entanto, faz-se necessário um detalhamento sobre o uso do riso pelo folião do Pacotão.

É importante ter em mente que não se trata de qualquer forma de riso. Falo em termos da chamada *derrisão*, quer dizer, o riso de *zombaria*, *ridicularização*, *escárnio* (PROPP, 1992: 28). Propp adverte que para se estabelecer subcategorias de riso, antes, se faz necessário esclarecer a partir de quais princípios essas subdivisões serão

<sup>55</sup> Informações obtidas em entrevista concedida por Brizola à TV Senado em março de 2004.

<sup>56</sup> No carnaval de 1979, o Pacotão foi pela primeira vez notícia num telejornal da grande imprensa: Fantástico, da Rede Globo de televisão.

constituídas. Em outras palavras, ele coloca que *é preciso estabelecer do que, em essência, riem as pessoas e o que exatamente é ridículo para elas* (PROPP, 1992: 29). Uma das faixas que mais chamaram a atenção no carnaval de 1981 trazia a seguinte expressão: *Estamos com o Pires na mão*. Referência ao então Ministro do Exército, general Walter Pires. Em 1982, Leitão de Abreu assumia a chefia do Gabinete Civil, substituindo um dos mentores da ditadura, o general Golbery do Couto e Silva. O Pacotão não poderia deixar de prestar, ao seu modo, uma homenagem ao novo chefe de Gabinete: *Leitão ao molho Alemão*, assim expressava uma das faixas no desfile de oitenta e dois. Quer dizer, os foliões da *Sociedade Armorial, Patafísica e Rusticana* tinham, cada vez mais, como mote inspirador e alvo de sua derrisão as figuras que ocupavam papel de liderança política no regime militar instituído. Julgavam os festeiros, ridículas as atitudes, as posturas, as ações daqueles que governavam a nação. Assim, formou-se uma das mais fortes características do bloco: **a sátira política**. Mas o que caracterizaria a sátira?

Primeiro, é necessário dizer que o campo da sátira baseia-se na derrisão, isto é, no riso de zombaria, escárnio (PROPP, 1992: 28). Segundo, na sátira, como diz Propp: *A presença de suas personagens possibilita o desenvolvimento de um conflito, de uma luta, de uma intriga. Cada uma dessas personagens pode ter a seu redor um grupo de adeptos ou de parceiros* (PROPP, 1992: 99). O autor ainda explica que a vítima da sátira manifesta no ato sua própria imbecilidade, sendo essa causada, às vezes, pela própria culpa do satirizado. No embate travado entre os personagens, uma das partes pode ser desmascarada, de tal modo que fique à mercê do escárnio geral (PROPP, 1992: 100). Pode-se dizer que um dos envolvidos no conflito acaba sendo feito de *bobo*.<sup>57</sup>

No carnaval de 1980, o bloco fez menção à crescente inflação que assolava o País, atribuindo responsabilidades aos governantes que, além de não terem competência para gerir a economia nacional, ainda se envolviam em situações constrangedoras como as ocorridas em Santa Catarina, quando o presidente Figueiredo, revelando seu temperamento considerado explosivo, reagiu às vaias que o povo lhe proporcionava em um evento, chegando a quase sair às tapas com os manifestantes.<sup>58</sup> Os foliões do Pacotão não deixaram passar em branco o episódio. A marchinha daquele ano além de falar da crise econômica fez menção ao temperamento do general:

---

<sup>57</sup> Talvez não seja um exagero dizer que o episódio envolvendo os agentes do SNI anteriormente revelado tenha caracterizado uma situação em que os mesmos tenham sido feitos de bobos.

<sup>58</sup> Informações obtidas no encarte do LP lançado pelo Bloco Pacotão, em 1985.

*Subiu a carne,  
 Subiu a gasolina,  
 Subiu o feijão  
 e também a margarina.  
 Ai, ai, João  
 Eu vou pagar  
 A inflação com serpentina (...)  
 Ai, ai, João  
 Vou te mandar lá pra Santa Catarina*<sup>59</sup>

Ano após ano, a crítica pelo riso se tornava mais acentuada, as sátiras tornavam-se marcas da festa e os homenageados pelo bloco eram, cada vez mais, tomados como bobos, motivos de chacotas.

Em 1982, ano em que Figueiredo sofre seu primeiro infarto do miocárdio, Golbery de Couto e Silva afasta-se do Gabinete Civil, entrando em seu lugar o professor Leitão de Abreu. O Pacotão mesclou aspectos da vida político-econômica de oitenta e dois, com situações pinçadas do contexto político de anos anteriores, para assim cantar:

*Olha o rabo, olha o rabo  
 Olha o rabo que a porca torceu,  
 Olha o rabo, olha o rabo.  
 Olha o rabo, que a porca torceu.  
 Um disco voador desceu  
 E um leitão apareceu  
 Hoje em vou pro Tejo  
 Porque aqui a vaca vai pro brejo  
 Olha o rabo. Minha mãe sempre dizia  
 Que mentira só dá bode  
 De tanto fazer Pacote  
 Quase que explode  
 Olha o rabo.*<sup>60</sup>

Versos com sentidos dúbios ou paradoxais encontravam na palavra escrita (faixas), ou nas palavras cantadas (marchinhas), a imagem jocosa a ser ironicamente representada. Propp explica que *sob a forma de paradoxo podem ser expressos também pensamentos sarcásticos e de escárnio*. Revela ainda, que a própria ironia pode ser utilizada de forma satírica (PROPP, 1992: 126). No carnaval de 1983 esses recursos

<sup>59</sup> Santa Catarina – composição de Carlão, Cristiano Menezes e Rubens Artigas.

<sup>60</sup> Olha o Rabo – composição de Carlão e Fernando Barros.

podem ser percebidos na composição da marcha que embalou o desfile daquele ano. Ainda sob o reflexo das eleições de 1982 – quando a oposição elegeu dez governadores, sendo um deles Leonel Brizola, pelo estado do Rio de Janeiro – estando o Brasil imerso às dificuldades econômicas constitutivas de um País dependente das políticas do Fundo Monetário Internacional/FMI, salários congelados, inflação em alta, e outros, o Pacotão tomou as ruas da Capital para cantar:

*Brasil, Brasil, Brasil.*  
*Brasil, Brasil, Brasil.*  
*Foi Pedro Álvares quem te pariu.*  
*Vai fundo, Brasil, vai fundo*  
*O FMI é o fim do mundo (...)*  
*Doril, doril doril.*  
*Nosso salário vai pra fora do Brasil*  
*Doeu, doeu, doeu.*  
*Mas Figueiredo é quem se perdeu.*<sup>61</sup>

Versos que falam, mas não dizem – *Foi Pedro Álvares quem te pariu; Doe, doeu, doeu, Mas Figueiredo é quem se perdeu* – ou, dizem, mas não falam, formam a marchinha que em si já denuncia certas mudanças nas relações sociais e políticas do contexto em que foi produzida. Parece, então, que o regime militar já revelava certo esgotamento no uso da repressão política.

A festa de Momo de 1984 ficou conhecida, na cidade, como o carnaval das *Diretas Já*.<sup>62</sup> De fato, a festa estava dentro de um quadro político-social de grande clamor pelo fim do regime militar. Naquele ano, o folião brasiliense tomou as ruas da Capital, tendo o Pacotão operado como um catalisador das manifestações Pró-Diretas na cidade.

---

<sup>61</sup> Brasil, Brasil, Brasil – composição de Nelson Pantoja, Pelágio Gondim e Josafá Dantas.

<sup>62</sup> Diretas Já foi um movimento civil de reivindicação por eleições presidenciais diretas no Brasil, ocorrido em 1984. A possibilidade de eleições diretas para a Presidência da República veio à tona com a proposta de Emenda Constitucional Dante de Oliveira, colocada no Congresso Nacional. Entretanto, quando da votação, no dia 25 de abril, a proposta foi rejeitada pelos parlamentares, frustrando a sociedade brasileira. Ainda assim, os adeptos do movimento conquistaram uma vitória parcial em janeiro do ano seguinte, quando um de seus líderes, Tancredo Neves, foi eleito Presidente da República, pelo voto indireto, no chamado Colégio Eleitoral – esse era constituído por 66 senadores, 310 deputados, 132 representantes das maiorias das assembleias legislativas, seis por estado; num total de 508 votos – instituído pelo regime militar, em uma mudança constitucional ocorrida em 1969. Tancredo Neves, que faria a transição do regime militar para o civil, adoece e morre, não chegando a tomar posse. Seu vice, José Sarney, assume a Presidência. Inicia-se assim, de modo institucional, o desmonte do governo militar.



Imagem 14 – pedidos por eleições diretas para presidente compõem a paisagem visual da festa.  
Correio Braziliense: 02/1984.

Faixas foram erguidas com frases sarcásticas que clamavam: *indiretas jáz!* O oposto era o desejado.



Imagem 15 - Capa do vinil gravado pelo bloco em 1985. Acima o símbolo da agremiação: uma tartaruga. Logo abaixo, foliões e suas faixas expressão suas visões sobre os acontecimentos que marcavam o momento.

Ao mesmo tempo anunciavam: *Necrotério Eleitoral* – sentença condenatória ao Colégio Eleitoral.<sup>63</sup> Ou ainda: *Sabe com que está falindo?* – referência à crise que, no período, abalava as estruturas da economia nacional.

<sup>63</sup> Durante a vigência da Ditadura Militar instaurada no país, a partir do golpe de 1964, cabia ao Colégio Eleitoral eleger o presidente e o vice-presidente da República.

A marchinha que embalou o desfile de 1984 direcionou um conselho incisivo ao Presidente Figueiredo:

*Não adianta mais enrolar,  
é agora, ta na hora, vamos lá,  
ninguém me segura,  
sai da minha frente,  
eu este ano  
vou votar pra presidente.  
Chega de conversa mole,  
Ninguém engole  
O tal colégio eleitoral  
Cai na real general.*<sup>64</sup>

Mais que nunca, havia se tornado o Pacotão um ponto de convergência das críticas políticas proferidas pelos moradores da cidade. Esses, ao participarem de seus desfiles, davam-lhes os traços de suas convicções políticas e experiências diárias com e na Capital.



Imagem 16 - Encarte do vinil gravado em 1985. As letras D I R E T A S formam a fantasia dos festeiros.

---

<sup>64</sup> *Cai na real general* – composição de Ivan Sérgio e Haroldinho de Santo Amaro.

**CAPÍTULO 4**

*Assim definido, o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: Não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida, uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia.*

**Walter Benjamin.**

**4.1 – De boca a boca se faz um carnaval com tradição.**

Experiências carnavalescas e de vida cotidiana transmitidas de pessoa a pessoa, as práticas que instituem o carnaval do Pacotão<sup>65</sup> – hoje tradição da festa de Momo brasileiro – resultam de processos culturais dinâmicos que reconfiguram, ano após ano, a própria folia. Walter Benjamin esclarece que: *A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores (BENJAMIN, 1986)*. Neste capítulo, além de prosseguir com o estudo das marchinhas carnavalescas, das faixas, imagens e reportagens sobre a agremiação, analisarei, também, as narrativas de dois dos principais responsáveis, nos dias atuais, pela realização da folia carnavalesca do bloco Pacotão, sendo eles: José Antônio Filho<sup>66</sup> – Joanfi – e Paulo Roberto Cardoso de Miranda<sup>67</sup> – Paulão de Varaderio, conhecido como o Barão do Conic.<sup>68</sup> Buscando

---

<sup>65</sup> Concentração do bloco na entre-quadra comercial da 302 - Norte, desfile pela contramão das W3 Norte e Sul, sátiras políticas, etc.

<sup>66</sup> José Antônio Filho, também conhecido por Joanfi, é goiano da cidade de Posses, jornalista, diagramador e ilustrador. Reside em Brasília desde 1957. É membro do Politburo. Entrevista realizada em março de 2008, na residência do folião localizada na cidade de Taguatinga.

<sup>67</sup> Paulo Roberto Cardoso de Miranda, brasileiro, jornalista e folião do bloco desde seus primeiros desfiles, embora somente a partir de 1995 tornou-se membro do Politburo, núcleo dirigente da agremiação. Entrevista realizada no dia 18 de fevereiro de 2008, nas mediações do Café da Rua 08, localizado na CLN 408 Norte – Brasília.

suporte nas reflexões teórico-metodológicas que legitimam a adoção das fontes orais na pesquisa histórica, adianto que a busca por *verdades* na fala dos narradores não será o objetivo a ser perseguido (LOZANO, 2006: 16). Ressalto, portanto, que esse estudo busca a *visão e versão* dos foliões narradores, as quais expressam suas experiências e relações com a trajetória do bloco.

#### **4.2 – Primeira crise à vista, euforia e decepção: a transição política brasileira surpreende as práticas do Pacotão.**

Conforme narrei, a folia que ficou conhecida como o carnaval das *Diretas Já* ocorreu no mês de abril de 1984, um pouco antes da votação, e não aprovação, pelo Congresso Nacional, do projeto de emenda constitucional, formulado pelo deputado federal Dante de Oliveira, que propunha reinstaurar as eleições diretas para Presidente da República no Brasil. Em seguida, fruto de negociação política entre as elites brasileiras, e com apoio de significativa parte da sociedade, iniciou-se a transição do regime militar para o regime civil, com a eleição indireta de Tancredo Neves para presidente e José Sarney como vice-presidente do País, em janeiro de 1985.

Esse contexto político que surge – chamado de Nova República – significava, para os grupos envolvidos nessa negociação, principalmente para o maior partido de oposição naquele momento, o Partido do Movimento Democrático Brasileiro/PMDB, um grande avanço rumo à retomada do Estado de Direito. Para outros grupos, tendo à frente o Partido dos Trabalhadores/PT, que se recusaram a participar de tais negociações, o ideal era ter continuado com a luta pela derrubada do regime militar e a realização, em seguida, de eleições diretas para o cargo máximo do País. Enfim, com a transição política, o fim da frente partidária de combate a ditadura, que incorporava uma diversidade de grupos e perspectivas políticas, desfez-se. Esses debates e perspectivas políticas divergentes chegaram também na folia carnavalesca apresentada pela *Sociedade Armorial, Patafísica e Rusticana*, no ano de 1985. E assim, o bloco vive sua primeira crise, frente a diferentes projetos e propostas de identidade que emergem, nesse período inicial de pós-ditadura.

---

<sup>68</sup> O Conic, localizado no Setor de diversões Sul, trata-se de um Centro Comercial bastante diversificado. Atualmente abriga desde igrejas a boates, além de salas de teatro, cinemas, bares, sindicatos, etc.

Em uma grande festa realizada no Minas Brasília Tênis Clube,<sup>69</sup> em dezembro de 1984, festividade cujo nome se deu por *Baile Já*, o bloco arrecadou fundos para o lançamento de seu primeiro disco reunindo canções que haviam marcado a trajetória da folia até então. Um sonho dos integrantes da agremiação, esse vinil contou com a participação, dentre outros, do conceituado saxofonista Paulo Moura.<sup>70</sup> O lançamento do mesmo ocorreu dias depois no restaurante da Torre de TV, ponto turístico da Capital Federal. No mesmo dia desse lançamento também foi realizado o festival para a escolha da marchinha que representaria o carnaval do ano de 1985, o que caracterizou, de certo modo, o rompimento com o que já havia se tornado um costume ou prática do bloco. Desde o primeiro desfile da agremiação, seus organizadores se reuniam, dias antes do carnaval, no Clube da Imprensa, para confeccionar as faixas, camisetas e escolher as canções que embalariam a festa carnavalesca do respectivo ano, não acontecendo o mesmo com a ocasião agora narrada. Como dito logo acima, nessa oportunidade o restaurante da Torre de TV abrigou o evento. A própria participação inicial de Joanfi no bloco aconteceu em uma dessas reuniões pré-carnavalescas no Clube da Imprensa. Nas palavras do mesmo:

*O Pacotão, eu freqüento o Pacotão desde 1980 – 81 por aí, eu tinha um professor de artes gráficas no Senado, no SENAC, uma instituição de ensino que tem aqui em Brasília, e o Racow que é um dos fundadores do Pacotão, ele um dia nos convidou para que fossemos ao Clube de Imprensa para ajudar ele fazer faixas e cartazes para um bloco carnavalesco de Brasília que tava surgindo e tinha feito seu desfile em 78/79, e a partir daí de uma forma ou de outra eu tava envolvido com o Pacotão.<sup>71</sup>*

Mas, voltando ao festival para a escolha da marchinha que embalaria o carnaval de 1985, de fato, muita confusão marcou aquela ocasião. A canção que, após muita contestação por parte de alguns foliões, sagrou-se vitoriosa na ocasião foi a marchinha *Pacotão de black-tie*<sup>72</sup> – letra que colocava em dúvida a capacidade crítica de

<sup>69</sup> O Minas Brasília Tênis Clube é um clube desportivo brasileiro, localizado na Capital Federal. O escudo do clube apresenta o formato do *Plano Piloto* da cidade.

<sup>70</sup> Paulo Moura, nascido em São José do Rio Preto, 17 de fevereiro de 1933, é um conceituado compositor, arranjador, saxofonista e clarinetista brasileiro de choro, samba e jazz. Em 1982, Moura compôs a trilha sonora do filme *O bom Burguês*, dirigido por Oswaldo Caldeira. Em 2005, fez turnê nacional e internacional do espetáculo “Homenagem a Tom Jobim”, ao lado de Armandinho, Yamandú Costa e Marcos Suzano. Participou também do documentário “Brasileirinho” que em 2005 foi uma das atrações da mostra Fórum do Festival de Berlim. Informações obtidas no endereço: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo\\_Moura](http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Moura).

<sup>71</sup> Entrevista com Joanfi.

<sup>72</sup> Referencia ao filme brasileiro: *Eles não usam black-tie*, dirigido por Leon Hirszman e lançado em 1981

jornalistas que haviam sido lotados nos diferentes órgãos do governo civil que se instalava.<sup>73</sup> Mas a polêmica que girou em torno daquele festival não fazia interface somente com a referida situação. A própria frustração com relação a não aprovação da Emente das Diretas Já, antes citada, corroborou com o clima de contenda estabelecido na oportunidade. Todavia, o que retenho dessa nova configuração político/social e festiva pós-redemocratização é que o Pacotão passou por um processo de perda de enfoque de suas críticas nesse período. Se nos primeiros anos de folia o regime militar configurou tema para o deboche, para o riso irônico, sarcástico que caracterizava a própria dinâmica festiva que instituía o folguedo, a transição para o regime civil apresentou-se paradoxal em termos de continuidade dessa perspectiva crítica. Afinal, a conquista pela liberdade, de direitos sociais e políticos que passaria a vigor incluía toda a sociedade brasileira, inclusive, claro, os foliões pacoteiros.

As características *embrionárias* do bloco estão diretamente relacionadas ao contexto sócio-político que possibilitou e originou a sua produção. Não foi noutra lugar, nem tampouco em outro tempo que surgiu o Pacotão, mas em Brasília, em um período marcado pela intensificação da luta em favor da redemocratização no País. O caráter contestatório do bloco operou como instrumento de crítica camuflada a ser endereçada aos militares governantes. Uma vez modificada a conjuntura social e política nacional, automaticamente seria necessário também modificar o enfoque crítico da festa. Mas, como seria possível criticar o primeiro presidente civil eleito – ou o seu governo – mesmo que indiretamente, após mais de duas décadas de um regime autoritário, antidemocrático e arbitrário? Parece-me que tais críticas configurariam, no mínimo, um contra-senso por parte dos foliões. Por outro lado, como seria o carnaval do Pacotão sem suas características básicas, quais sejam: o deboche, a crítica endereçada aos dirigentes políticos da nação?

A questão foi um pouco amenizada diante de um fato dramático: Tancredo de Almeida Neves, líder da oposição, eleito Presidente da República pelo Colégio Eleitoral, jamais chegou a ser empossado como tal. Faleceu em 21 de abril de 1985, aos 75 anos de idade, vítima de infecção generalizada, após cirurgia ocorrida no dia da sua

---

<sup>73</sup> Com a instalação do regime civil, muitos jornalistas do Pacotão foram trabalhar no Governo. Passaram a assessorar ministros, assumiram cargos de porta-vozes, coordenadores de comunicação, etc., o que de algum modo contribuiu para o clima de crise instaurado no bloco naquela ocasião. Sem falar que talvez vivessem um dilema diante da situação que então havia se configurado! Afinal, como criticar/ironizar/satirizar uma democracia que, primeiro: nascia das cinzas e que estava sendo vigiada pelos militares; segundo, parte dos jornalistas tinham simpatia pelo novo governo e tinham articulação com vários dos seus membros.

posse. Em seu lugar, assumiu o vice, José Sarney de Araujo Costa, que foi uma das lideranças do partido de sustentação da ditadura no Congresso Nacional – chamado Aliança Renovadora Nacional/ARENA.<sup>74</sup> Esse fato vai alterar as divergências e ânimos dos foliões, no carnaval do ano seguinte, ou seja, em 1986.

As indecisões do governo Sarney, frente a vários temas relacionados ao desmonte das estruturas autoritárias herdadas do regime militar e à construção de outras democráticas, mais o passado político desse presidente, levaram a certo ar de apaziguamento identitário ao bloco Pacotão, pelas possibilidades de crítica que ofereciam e pelas questões de censura que apareceram, no período pós-ditadura. Vale citar aqui, por exemplo, que meses antes do carnaval de 1986, o governo Sarney, cedendo à pressão de mulheres católicas de Santana – um bairro da cidade de São Paulo – censurou o filme “Je Vous Salue Marie”,<sup>75</sup> do cineasta francês Jean-Luc Godard, considerado ofensivo à Nossa Senhora (GURGEL, 1990). Se os foliões precisavam de uma motivação, de um assunto polêmico para servir de mote para a folia, a referida censura surgiu para *iluminá-los*. Em uma brincadeira bem-humorada com o presidente José Sarney e a primeira dama, dona Marly, parodiando o filme de Godard, o Pacotão atacou de “Je Vus Salue Marly”:

*O Pacotão já liberou  
Je Vus Salue, mari juana  
Pra passar em Copacabana  
Ou lá no Cine do Gama  
Mas se o Sarney  
For censurar  
Vai com Jânio no  
Colúmbia passear  
E apareceu o Aparecido  
Pra brincar de carnaval  
tem coliforme fecal  
Taí, taí, taí,  
Je Vus Salue, Marly.<sup>76</sup>*

---

<sup>74</sup> Os deputados e senadores desse partido ARENA eram vistos como funcionários do executivo, porque seu papel era o de aprovar as leis draconianas do ditador do momento. Essa maioria parlamentar foi ficando reduzida, na medida em que o regime foi se desfazendo. Nesse processo, o aludido partido muda de nome e passa a chamar-se Partido da Frente Liberal/PFL. O PMDB (antigo MDB, à época mais dura do regime militar) e outros partidos de oposição foram ampliando suas bancadas no Congresso Nacional. José Sarney, ao perceber a conjuntura de mudança política, abandonou seus antigos aliados e, articulando-se com a oposição, foi escolhido para o cargo de vice-presidente na chapa de Tancredo Neves (NUNES, 1993).

<sup>75</sup> Je Vous Salue Marie significa em português: Eu vos saúdo, Maria. O filme retrata, em termos gerais, a difícil convivência entre o corpo e o espírito.

<sup>76</sup> Je Vous Salue Marie – composição de Chico Nóbrega e Ivan.

O “Palácio do Planalto” não aderiu à folia. O porta-voz do presidente Sarney, jornalista Fernando César Mesquita, folião do Pacotão, tentou censurar a música do bloco. Telefonou, pessoalmente, para diretores da TV Globo, pedindo que os telejornais da emissora não noticiassem o desfile da *Sociedade Armorial, Patafísica e Rusticana*.<sup>77</sup>

De acordo com Moacir de Oliveira Filho – Moa:

*A tentativa de censura incendiou a cidade. O Sindicato dos Jornalistas divulgou uma nota oficial repudiando a censura do filme e as pressões para que os meios de comunicação não divulgassem o Pacotão, apontando esses dois fatos como demonstração de que “a censura não acabou e que a imprensa, no Brasil, ainda é limitada”.*<sup>78</sup>

Moa ainda informa, que pela primeira vez, o Pacotão divulgou uma nota oficial protestando contra algum tipo de opressão, evidentemente, assinada por seu presidente vitalício Charles Preto. Nas palavras de Moacyr:

*Em linguagem dura, mas bem – humorada, a nota condenava a censura ao filme e ao Bloco e afirmava, entre outras coisas: “este País é mesmo engraçado: durante a ditadura, liberdade. Durante a liberdade, censura”, lembrando que o Pacotão [suas letras e músicas] nunca tinha sido reprimido pela ditadura militar.*<sup>79</sup>

A mesma nota ainda sugeria *que o governo tratasse de governar, e o Pacotão carnalizar*. Além de mencionar que,

*O tenente-coronel Bastos, então presidente do 1º Batalhão da Polícia Militar, comentando que recebera ordem expressa do Comando Militar do Planalto para impedir, a qualquer custo, que o Bloco cantasse o “Je Vus Salue, Marly”, afirmava: eu não sou trouxa de barrar o Pacotão.*<sup>80</sup>

---

<sup>77</sup> Artigo de Moacir de Oliveira Filho. Op. Cit.

<sup>78</sup> Idem.

<sup>79</sup> Idem.

<sup>80</sup> Idem.



Imagem 17 - Correio Braziliense: fotografia 02/1986. Foliões erguem suas faixas protestando contra a censura.

Sobre esse assunto, chamo atenção para dois aspectos. Primeiro, é necessário salientar que não foi pelo fato de ter o País passado a ser presidido por um civil que práticas autoritárias deixaram de existir. A situação envolvendo a censura do filme *Je Vous Salue Marie*, acima explicitada, é bastante instrutiva nesse sentido. A segunda refere-se ao *significado* ou talvez até *temor* que passou a ter do Pacotão certas pessoas e grupos de poder na capital. Afinal, informações sobre a agremiação haviam se tornado notícias certas na cobertura do carnaval brasiliense. Ser motivo de deboche e escárnio no Pacotão poderia significar desmoralização tanto na mídia local, quanto em rede nacional. Na fala de Joanfi:

*Por incrível que pareça, ainda, o Pacotão hoje talvez seja o grupo musical, vamos dizer assim, mais censurado no Brasil. As pessoas temem, né, as pessoas que trabalham em rádio, em TV, eles têm um imaginário de que o Pacotão vai, sabe, vai fazer coisa que vai colocar aí a posição deles em risco. Então, as pessoas são muito temerosas em relação a entrevistar ou então colocar alguns dos componentes do Pacotão pra cantar as marchinhas deles ao vivo, tanto na TV como no rádio.<sup>81</sup>*

Para o mesmo folião, o humor é a ferramenta de protesto do bloco: *Eu sou, eu sou humorista e eu sei da força que tem o humor pra você denunciar, pra você pontuar algumas questões.* E prossegue: *Tudo que nós fazemos no Pacotão, a gente faz com*

<sup>81</sup> Entrevista com Joanfi.

*humor. Tendo como referência a arma do humor que é muito mais poderosa do que você, né, agredir alguém.*<sup>82</sup>

Georges Minois observa que: *Cada vez mais, o homem utiliza o riso de maneira consciente, com uma finalidade precisa que é frequentemente agressiva e destruidora. Dominando essa faculdade, faz dele um instrumento, uma arma* (MINOIS, 2003: 366). Não me restam dúvidas com relação à característica político-risível do bloco. De fato, a irrisão configura instrumento, arma de protesto do folião pacoteiro.

Joanfi diz que: (...) *não existe humor a favor (...) E você usar o humor, a sátira, engraçada, você atinge com maior objetividade as pessoas, as pessoas são seduzidas pelo riso.*<sup>83</sup> Para Propp, sentimos prazer de rir daquilo que consideramos errado, pois temos um instinto de justiça que possui, por assim dizer, um caráter profundamente moral. Assim, podemos ver que o mal é despido e ao mesmo tempo rebaixado e punido, fazendo com que venhamos a sentir prazer e satisfação (PROPP, 1992: 29). Mas o mesmo autor salienta que é necessário tomar as condições sociais e históricas como determinante daquilo que é julgado risível em certo lugar e tempo. Além das atitudes autoritárias do primeiro presidente civil a governar o Brasil após o Regime Militar, quais seriam, naquele contexto, as motivações, isto é, as atitudes dos políticos julgadas erradas pelos foliões do Pacotão? Enfim, a saída dos militares do poder político institucional não retirou as possibilidades de crítica dos foliões, até mesmo porque personagens daquele regime continuaram em postos de poder, como o próprio Presidente da República, e outros – deputados, senadores, ministros, diretores de empresas estatais – e com eles as práticas e modos autoritários de governar (SILVA, 1995: 65). Nesse sentido, o bloco continuaria a ter os motes de derrisão da folia carnavalesca praticada, mas não sem divergências políticas explícitas, como veremos mais adiante.

Contudo, provenientes da nova conjuntura social e político do País, ocorreram mudanças nas características da folia. Essas serão apontadas nos dois próximos subitens, pois a chamada Nova República não tardou em influenciar a reconfiguração das relações entre os adeptos da festa. Novos desdobramentos da folia foram surgindo em função da incorporação de novas motivações, temas, conflitos internos no bloco, entre outros. Dois aspectos serão frisados, seguindo a respectiva ordem: o acirramento das disputas e conflitos durante a realização da festa, com ênfase para os conflitos entre

---

<sup>82</sup> Entrevista com Joanfi.

<sup>83</sup> Entrevista com Joanfi.

os foliões organizadores da mesma; e a incorporação cada vez mais acentuada dos temas referentes ao contexto social, e político, da própria Capital no fazer carnavalesco do bloco. Nunca é demais lembrar que o cenário brasiliense, isto é, Brasília, muito mais que moldura, é variável interveniente, constitutiva, portanto, da maneira pela qual o bloco Pacotão vem construindo as configurações e reconfigurações de suas experiências festivas.

#### **4.3 – O Pacotão e a Nova República: Mudanças no enfoque das críticas e as críticas pela mudança de enfoque.**

No carnaval de 1987, uma nova denúncia de censura viria a agitar os bastidores da folia, mas, dessa vez, conforme pontua Moacyr de Oliveira Filho, não passou de boato.<sup>84</sup> Tudo não passava de intriga, ciúmes, briga de vaidades entre os próprios foliões. O jornalista e cartunista Henrique Goulart Gonzaga Júnior, pela primeira vez, participaria como chargista do Pacotão. Seus desenhos juntavam diversos personagens da Nova República, inclusive o presidente Sarney, à frente do bloco, carregando uma faixa com os dizeres: *De volta aos cartéis*. O Politburo não gostou do trabalho, julgou-o muito parecido com os desenhos anteriores, feito pelo também cartunista Lopes, e decidiu que as camisetas do bloco seriam impressas, naquele ano, com os desenhos de Alexandre Lobão, já conhecido folião da agremiação. Os desenhos de Lobão traziam o presidente Sarney e Ulysses Guimarães<sup>85</sup> – fantasiados de Napoleão, dançando com um globo terrestre, como na cena do filme “O grande ditador” de Charles Chaplin. Na fala de Moacyr, o cartunista Goulart não gostou de ver seu trabalho dispensado pelo bloco e acusou o núcleo dirigente da agremiação de tê-lo censurado. Não satisfeito, responsabilizou o próprio Moacyr e Jorge Luiz de Souza pela censura, atribuindo ao ocorrido o fato de os mesmos ocuparem cargos no governo.<sup>86</sup>

Se tal atribuição explica ou não o clima tenso que se vai criando, o que importa para a pesquisa é a constatação de que após a redemocratização os conflitos internos do bloco passaram a ocorrer com maior frequência, não significando, no entanto, que nos primeiros anos de folia conflitos não tenham existido. Na medida em que integrantes da agremiação passaram a ocupar cargos no governo – conforme assinalado anteriormente

---

<sup>84</sup> Artigo de Moacyr de Oliveira Filho. Op. Cit.

<sup>85</sup> Na época, Ulysses Guimarães era presidente da Câmara dos Deputados, da Assembléia Nacional Constituinte e eventual Presidente da República, durante as viagens do presidente José Sarney.

<sup>86</sup> Moacyr de Oliveira Filho era o diretor do Detur e Jorge Luiz, assessor de imprensa para assuntos econômicos do Palácio do Planalto.

– e, ou, suas opções político-partidárias passaram a apontar para convicções sociais e políticas divergentes, as intrigas dentro do bloco passaram a ocorrer de modo mais freqüente. Ao ser questionado sobre o impacto da redemocratização no fazer carnavalesco do Pacotão, Joanfi responde:

*É, eu acho que modificou a vida, a vida cultural, política da própria cidade, e houve uma mudança geral. E o Pacotão não ficou né, nós tivemos conflitos muito grandes dentro do Pacotão. Muitos eu não vivi. Mas, é, sei de histórias dentro da Nova República de gente querendo é, censurar, de gente querendo aparelhar, de gente querendo tornar o Pacotão uma instituição [oficial, governamental].*  
87

Se o Pacotão havia funcionado tão bem como um instrumento de crítica dos foliões brasilienses contra a ditadura, o que impediria de utilizá-lo para fazer propaganda político-partidária, defendendo, assim, até o próprio governo instituído? Mas, volto à pergunta já colocada antes: é possível fazer humor a favor? Em uma outra esfera, é importante equacionar outra indagação: para qual partido fariam propaganda: PSDB, PMDB, PT, etc.? <sup>88</sup> Após vários anos de ARENA e MDB, <sup>89</sup> talvez ainda não estivessem claras as distinções entre as propostas e convicções político-ideológicas das legendas mencionadas. Imerso em um contexto político marcado pelo ressurgimento, do ponto de vista legal, de alguns partidos – como, por exemplo, o Partido Comunista Brasileiro/PCB, o Partido Comunista do Brasil/PC do B e outros – assim como o surgimento de tantas outras novas siglas, os foliões podiam direcionar seus deboches para personagens dessas diversidades político-partidárias, mas não sem problemas, porque o Pacotão já não era também “uma frente” de combate à ditadura, embora continuasse como um bloco de perspectiva plural. Exemplo instrutivo a este respeito é a fala de Joanfi acerca da chegada de Fernando Henrique Cardoso à Presidência da República em 1995, quer dizer, 8 anos após o momento observado:

---

<sup>87</sup> Entrevista com Joanfi.

<sup>88</sup> Significado das siglas respectivamente: Partido do Movimento Democrático Brasileiro; Partido da Social Democracia Brasileira; Partido dos Trabalhadores.

<sup>89</sup> O bipartidarismo no Brasil foi criado com o Ato Complementar Nº 4, em 20 de novembro de 1965. ARENA significava Aliança Renovadora Nacional – era a base de sustentação civil do Regime Militar. MDB, Movimento Democrático Brasileiro, tinha a função de fazer uma oposição consentida à ARENA e ao governo. Entretanto, o MDB, a partir das suas ambigüidades, e das contradições internas na estrutura de poder do Estado, e da pressão social, transforma-se, no passar dos anos, em um forte partido de oposição ao regime.

*Mas ainda era uma coisa que a gente não tinha direcionado bem, não havia muito essa divisão. É, na verdade, muita gente, que era de esquerda, votou no Fernando Henrique, que era uma coisa, assim, vamos dizer, palatável, não tinha se descoberto que o PSDB era, era uma UDN renovada, modernizada, maquiada.*<sup>90</sup>

Talvez o mais sensato para aquele contexto seja entender que a grande maioria dos partidos desejava representar, antes de tudo, alternativas de mudança em relação ao antigo bipartidarismo e, conseqüentemente, ao Regime Militar. A vitória de Fernando Collor de Melo pelo Partido da Reconstrução Nacional (PRN) nas primeiras eleições presidenciais por voto direto, pós-ditadura (1989), vai de encontro a esse momento de conflito de identidade política, tanto na sociedade, quanto no Pacotão.

Com relação ao governo Collor, recorro, por mais uma vez, às palavras de Joanfi, que apresenta um dado, no mínimo, curioso da agremiação. Nas palavras do folião: *O Collor, por exemplo, não é um cara que foi tão insignificante na passagem dele pela Presidência da República, (...) e talvez, seja um dos poucos políticos que não foi “homenageado” pelo Pacotão.*<sup>91</sup> Mesmo tendo Collor renunciado ao cargo de Presidente da República, na tentativa de evitar um processo de impeachment fundamentado em acusações de corrupção, não teve sua homenagem devidamente prestada pelo bloco nos quase dois anos e meio de vigência de seu mandato.<sup>92</sup> É intrigante constatar que uma agremiação carnavalesca que na época já era conhecida nacionalmente pelas críticas bem-humoradas que endereçava aos políticos que dirigiam a nação, não ajustou suas lentes irônicas para satirizar a figura política mais polêmica desse período. Ao analisar as reportagens do jornal Correio Braziliense sobre o Pacotão entre os anos de 1990 e 1993, encontrei menções do tipo:

*Sem o Politburo, sem as faixas e sem a banda do maestro Celso, a Sociedade Armorial, Patafísica e Rusticana – Pacotão parece ter perdido ontem a sua velha identidade. (...) Um porta-voz, já sem voz de tanto cantar uma antiga marchinha, para ver se pegava, disse que o bloco está passando por uma reforma profunda...*<sup>93</sup>

---

<sup>90</sup> Idem.

<sup>91</sup> Idem.

<sup>92</sup> Não estou afirmando que tenha havido a total inexistência de menções ao presidente Collor na história do carnaval praticado pelo bloco Pacotão. No carnaval de 1990, véspera de sua posse como presidente, por exemplo, encontrei, no Correio Braziliense, reportagem falando sobre algumas faixas que traziam os dizeres: *Viva o Rabo da à Raia!* Alusão à atriz Cláudia Raia, que apoiou Fernando Collor na campanha e entrou para o círculo de amigos íntimos do presidente eleito. Ou, uma bandeira do Brasil que, invés de trazer a frase *Ordem e Progresso*, trazia a palavra *Socorro*.

<sup>93</sup> Jornal Correio Braziliense: 02/1990.

Ou ainda: *Vinha chegando gente com máscaras do Saddam Hussein,*<sup>94</sup> *trajando blusas com a palavra paz, e também um senhor com mísseis enormes preso à cabeça com a legenda “Este é um carinhoso presente de meu amigo Saddam Hussein”.*<sup>95</sup> Na cobertura do carnaval de 1992: *Como nos carnavais anteriores, não faltaram críticas às personalidades políticas. Só que dessa vez, nem mesmo o GDF escapou da Sátira.*<sup>96</sup> Quer dizer, temas que tratavam de assuntos voltados para questões internacionais, como o caso da Guerra do Golfo, ou assuntos referentes à política local configuravam os principais motes inspiradores do carnaval praticado pelo Pacotão durante os anos em que Fernando Collor de Mello ocupou o cargo de Presidente da República.

Por outro lado, nunca é demais recordar que o mesmo Collor teve forte apoio da mídia, e no caso em específico, do Correio Braziliense, durante a campanha presidencial de 1989, o que não significa que em função de tal apoio todos os jornalistas tenham deixado de criticá-lo. De qualquer forma, a ausência das críticas do bloco com relação ao primeiro presidente eleito por voto direto após a redemocratização certamente não tem apenas uma explicação. Com base nas evidências compiladas, acredito que tal ausência tenha ocorrido tanto em função do fato de pacoteiros tradicionais terem passado a integrar o governo, Moacyr de Oliveira Filho é um exemplo instrutivo a este respeito, quanto pelo redirecionamento das críticas do bloco para o nível local, sendo o GDF o novo mote inspirador para a folia.

No entanto, se Fernando Collor de Mello não foi dos políticos mais homenageados pelo bloco, seu vice, Itamar Franco, viria a se tornar uma das figuras mais emblemáticas da história da agremiação, principalmente no que diz respeito ao aspecto visual da festa.<sup>97</sup>

O comerciante Jafé Torres, pernambucano de Caruaru, hoje tradicional folião do Pacotão, iniciou sua participação no bloco imitando o presidente Itamar. De 1995 até os carnavais atuais, esse personagem vem marcando presença em quase todos os desfiles da agremiação. Já se tornou quase que um símbolo do carnaval do Pacotão, pois representa, e reforça, a característica política da *Sociedade Armorial, Patafísica e Rusticana*. Em entrevista ao Correio Braziliense no carnaval de 1999, Torres revelou que sua admiração por Itamar Franco vai além das vestes carnavalescas que utiliza para

---

<sup>94</sup> A guerra do Golfo iniciada em agosto de 1990 em função da invasão do Kuwait pelo exercito iraquiano de Saddam Hussein, foi um dos temas abordados pelo carnaval do Pacotão no ano de 1991.

<sup>95</sup> Jornal Correio Braziliense: 02/1991.

<sup>96</sup> Jornal Correio Braziliense: 02/1992.

<sup>97</sup> Itamar Franco assumiu a Presidência da República em dezembro de 1992, após renúncia de Fernando Collor de Mello.

brincar o folguedo na Capital. Ao falar sobre a decisão de Itamar Franco de decretar moratória ao assumir o governo de Minas Gerais em 1999, o folião revelou: *Itamar foi o único que teve coragem de dizer o que realmente está acontecendo no Brasil.*<sup>98</sup>

Voltando alguns anos, mais em específico, retornando ao carnaval do ano de 1995, Jafé Torres não tardou a endereçar sua mensagem ao recém empossado presidente Fernando Henrique Cardoso. Trajado no mais original estilo Itamar Franco, carregou seu cartaz-faixa endereçando-o a Fernando Henrique:



Imagem 18 - Arquivo pessoal de Irone Queiroz; Jafé Torres e sua fantasia de Itamar Franco no carnaval de 1995.

Em janeiro de 1999 o governo de FHC abandona o sistema de bandas cambiais e deixa a taxa de câmbio flutuante, o que provoca, em apenas dois meses, a desvalorização da moeda brasileira em cerca de 40 % (FILGUEIRAS, 2000: 195).<sup>99</sup> Jafé Torres não poderia perdoar! Atacou de Itamar – Capeta do Real.

<sup>98</sup> Jornal Correio Braziliense: 02/1999.

<sup>99</sup> FILGUEIRAS, Luiz. *História do Plano Real: fundamentos, impactos e contradições*. São Paulo. Editora, BOITEMPO; 2000. Pág. 195.



Imagem 19 - Arquivo pessoal de Irone Queiroz; Jafé Torres e sua fantasia de Itamar Franco no carnaval de 1999.

No carnaval do ano seguinte, lá estava ele novamente. Dessa vez, *apenas* para posar de atual presidente:



Imagem 20 - Arquivo pessoal de Irone Queiroz; Jafé Torres e sua fantasia de Itamar Franco no carnaval de 2000.

Mas alheios às críticas bem-humoradas do emblemático folião-*presidente*, alguns conflitos continuaram a marcar, de modo especial, as discordâncias internas da agremiação. Vários organizadores do bloco eram, por assim dizer, simpatizantes de uma suposta “esquerda” política brasileira. O carnaval de 1990 ficou marcado pelo contraste

de visões acerca de qual deveria ser o propósito do carnaval apresentado pelo Pacotão. Na ocasião, alguns foliões desejavam apenas desfilar, transitar pelas largas avenidas da Capital Federal, desfrutando da descontração possibilitada pela suspensão da cotidianidade, isto é, pelo direito a inverter papéis sociais, dar gargalhadas do que julgavam ser engraçado, fugir da realidade social a qual no mundo diário do trabalho estavam, por assim dizer, submetidos. Outros foliões, porém, não tomaram o festejo com o mesmo propósito. Em outras palavras, alguns festeiros resolveram fazer do Pacotão um espaço para lançar suas propagandas político-partidárias ou emitir suas preferências políticas. Em reportagem veiculada pelo Correio Braziliense sobre o carnaval de 1990, pude encontrar várias menções de críticas a esses festeiros, feitas por Charles Preto. Num dos questionamentos, o ditador vitalício da agremiação dizia: *Estes caras têm 361 dias do ano para fazer política séria. Por que não aproveitam os quatro dias de carnaval para passar batom e se vestir de mulher, ao invés de encher o saco com Lula-lá?*<sup>100</sup> Noutro trecho da entrevista, o mesmo Charles Preto desabafa:

*Criamos o Pacotão para resgatar o Carnaval de rua, com bateria e banda. Pretendemos, mesmo, que a cidade assuma o bloco. Agora, o que não podemos aceitar é que o desfile tenha conotação política. Isto é picaretagem. Até porque o Pacotão, por princípio, não é nem a favor de ninguém. É contra o Governo, seja de direita ou de esquerda.*<sup>101</sup>

As duas falas estão relacionadas ao fato de terem alguns adeptos do Partido dos Trabalhadores do Distrito Federal cantado trechos da canção da candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva, nas eleições de 1989, *Lula - lá*. De acordo com a reportagem, um caminhão de som do Sindicato dos Radialistas estava localizado na altura do setor comercial, avenida W/3 Sul, à espera do bloco, com o propósito de reforçar o coro de vozes que entoava a mesma canção. Após tentativa de acordo entre os organizadores da agremiação e os sindicalistas citados, e não obtendo êxito, o bloco, que seguia em desfile pelo sentido correto da avenida, naquele ano, quer dizer, não desfilava pela contramão, atravessou o canteiro central da W/3 e continuou seu desfile, agora assim, pela contramão.

---

<sup>100</sup> Correio Braziliense: 02/1990.

<sup>101</sup> Idem.

O uso da via pela contramão, neste caso, foi para evitar foliões indesejáveis do ponto de vista dos dirigentes do bloco, não tendo o significado de contestação à ordem como em outros carnavais. O ocorrido causou um enorme congestionamento de carros na avenida, pois o Departamento de Trânsito de Brasília (DETRAN) não havia interrompido o tráfego da avenida no sentido Sul-Norte.<sup>102</sup> Outro acontecimento que deixou Charles Preto contrariado naquele ano, foi o fato deste saber que três integrantes do Sindicato dos Radialistas que estavam no carro de som do bloco, concorreriam às eleições para a Câmara Legislativa daquele ano, utilizando suas posições na ocasião para divulgar suas campanhas políticas durante o desfile.<sup>103</sup> Sobre o ocorrido, o presidente do bloco também lançou nota: *O Pacotão não nasceu para proveito político de ninguém!*<sup>104</sup>

Pude notar que, por diversas vezes, na narrativa de Joanfi, a menção a tentativas, do que ele chamou de *aparelhamento do bloco*, pretensão de apropriação institucional do mesmo, foi explicitada. A dúvida sobre qual deveria ser o papel social da agremiação carnavalesca mais tradicional da Capital Federal já foi tema de discussão em diversas ocasiões. Na ocasião da entrevista com Joanfi, o folião-narrador revelou que naqueles dias iria participar de uma reunião onde a proposição em pauta versaria sobre a possibilidade de se tornar o Pacotão uma instituição formal da cidade. Nas palavras do mesmo:

*As pessoas estão pensando no Pacotão como instituição da cidade, eu renego completamente isso. Ninguém tem o direito de se avorar em representante daquela massa que vai, é, eles não deram representatividade para ninguém. Não, não tenho! São foliões que vão ali, dão o seu recado, brincam, se divertem e vão pra casa e aguardam o próximo carnaval. O Pacotão se encerra ali. Querer dar uma dimensão maior pro carnaval de bloco de sujos, tal do Pacotão, isso é querer transformar o Pacotão numa instituição com diretoria, com essa coisa, e isso eu particularmente luto dentro do Pacotão. Tenho brigas homéricas com as pessoas que acham que tem que profissionalizar, eu acho que não tem que profissionalizar nada. Você não vai profissionalizar uma expressão popular. Como é que você vai, né, nós não somos donos, nós não procuramos cinco, seis mil foliões pra saber se eles querem que nós os profissionalizem ou não. Eles*

---

<sup>102</sup> Idem.

<sup>103</sup> A título de esclarecimento, é importante observar que, instituída pela Constituição de 1988, a Câmara Legislativa do Distrito Federal teve sua primeira eleição em 1990, com a posse dos deputados e a instauração de sua primeira legislatura no ano seguinte. Nesse ano também, os moradores da cidade puderam eleger, pelo voto direto, o governador da Capital do País, algo inédito na história política brasileira, pois os prefeitos e governadores da Capital Brasileira sempre foram nomeados pelo Presidente da República.

<sup>104</sup> Correio Braziliense; 02/1990.

*querem brincar, assim como eu quero brincar, né? Eu quero ir para a avenida, brincar, tomar minha cerveja, encontrar os amigos, fazer novos amigos, e brincar o carnaval. E essa é a essência do Pacotão, brincar o carnaval como se brincava na minha adolescência, como as pessoas gostam de brincar.*

Além de se posicionar contrário às iniciativas que pretendiam tornar a agremiação uma instituição carnavalesca profissional, o folião-narrador demonstra a sua representação acerca da finalidade do Pacotão na cidade. Para Joanfi, o bloco é autônomo, pertence a todos que queiram brincar a folia de Momo da forma como se brincava “antigamente”, sem cordões de isolamento, sem abadás, sem bilheteria, sem diretoria, etc. Para o folião, o bloco pertence à cidade e não deve ser instituição dirigida por algumas pessoas que se julguem capacitadas para ditar quais devem ser os rumos da festa. Disputas internas também são apontadas na fala do narrador que, explicitando os sentidos que ele atribui ao bloco, conduziu-me a pensar sobre os diversos modos de apropriação da folia. Como diria Odette Carvalho, quando em uma relação ocorre a apropriação, representações múltiplas acerca do apropriado são forjadas por parte de quem se apropriou, pois na ação da apropriação estão embutidos valores, sentimentos, sonhos, prazeres, que podem ser coletivos e também individuais.<sup>105</sup>

A representação, como observado por Roger Chartier, está imersa a *campos de concorrências e competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação* (CHARTIER, 1990: 17). Enquadrar o Pacotão enquanto *instituição formal* está para muito além de um mero jogo de caracterizações. Tornando-se este bloco uma instituição legal, isto é, estruturada a partir de uma diretoria, estatuto, CNPJ, etc., o aspecto anárquico, não organizado da festa, tão advogado por seus fundadores, poderia perder sua dimensão mais original. Permanecer o carnaval do bloco Pacotão como o resultado da expressão espontânea e autônoma do folião brasiliense é condição básica para a própria perpetuação dos festejos carnavalescos que o constitui enquanto tradição do carnaval brasiliense.<sup>106</sup> Nesse sentido, são instrutivas, por mais uma vez, as palavras de Chartier, para quem:

<sup>105</sup> SEABRA, Odette Carvalho de lima. *A insurreição do Uso*. In: MARTINS, José de Souza.Org. *Henri Lefebvre: O retorno à Dialética*. São Paulo, 1996. Pág. 73.

<sup>106</sup> O Pacotão é uma organização informal, com dirigentes, mas não é uma instituição total (como igreja, exército, escolas e até mesmo escola de samba e outras) com regras e normas explícitas, documentalistas, e que devem ser seguidas à risca pelos seus membros. Que todos têm pensar e agir segundo os padrões de comportamento estabelecido. Entretanto, os conflitos entre dirigentes e foliões fazem emergir idéias sobre *o que não deve ser o bloco*. Isto é, o que não se enquadra na perspectiva da agremiação. Vem à tona certa ambigüidade, porque o que não é se insere dentro de um universo de valores também, tal como quando se define o que é para qualquer instituição.

*As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social – como julgou durante muito tempo uma história de vistas demasiado curtas – muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de confronto tanto mais decisivos quanto menos imediatamente matérias.<sup>107</sup>*

Durante o desfile do Pacotão, é a visão e versão dos foliões acerca dos acontecimentos que marcam – no contexto de produção da festa – a vida política, social e cultural do país e da cidade que prevalecem. O que não significa que sejam visões homogêneas, unificadas. Há, na verdade, uma diversidade – vários grupos – e pluralidade de olhares e práticas (diferenças entre os grupos). A partir do tema estipulado pelos organizadores da festa, tema que geralmente é escolhido no festival das marchinhas que precede o desfile de cada ano, outros temas são incorporados pelas experiências festivas dos diversos foliões anônimos que surgem ano a ano para engrossar as fileiras do bloco. Todos os festeiros que participam da agremiação possuem autonomia para expressar a sua visão sobre os acontecimentos que marcam o contexto da época, fato este que é responsável pela dinâmica plural da festa.

Mas por outro lado, é necessário observar que existiam, e existem, correntes político-partidárias predominantes no bloco. A eleição do ex-sindicalista, Luiz Inácio Lula da Silva, para o cargo de Presidente da República no ano de 2002, talvez possa esclarecer este assunto.<sup>108</sup> Nas palavras de Joanfi:

*Depois de Fernando Henrique, aí vem o governo Lula, né! Aí vem a grande indagação da cidade: pô, mais era considerado o Pacotão um bloco de esquerda, muitos petistas, como é que a gente vai tratar isto?*  
<sup>109</sup>

Mas pensar que foliões simpatizantes de uma suposta “esquerda” política brasileira sejam maioria no Pacotão não significa que o bloco não tenha feito suas críticas ao presidente petista após sua chegada ao Palácio do Planalto. Nesse sentido, as palavras

<sup>107</sup> CHARTIER, Roger. *A História cultural*; entre práticas e representação. Lisboa: DIFEL, 1990. Pág. 17.

<sup>108</sup> É necessário observar que por diversas vezes Fernando Henrique Cardoso, eleito presidente pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) em 1995, teve suas homenagens devidamente prestadas pelo bloco. Entre 1995 e 2002, Fernando Henrique foi tema que figurou facilmente na festividade carnavalesca apresentada pelo Pacotão.

<sup>109</sup> Entrevista com Joanfi.

do mesmo Joanfi são esclarecedoras. Em sua narrativa o folião informa que tão logo Lula toma posse, o Pacotão já estava na avenida para cantar:

*O Pacotão não sobe a rampa do Planalto  
Fica com o povo  
Na folia e no asfalto  
Vinte e cinco anos de resistência  
Com coerência  
Volto pela contramão  
Charles Preto merece respeito  
Só subo a rampa  
Quando ele for eleito.<sup>110</sup>*

Outros carnavais vieram e novos conflitos surgiram em meio ao carnaval do bloco. Sejam motivados pelo ingresso de foliões no governo, como antes já mencionado, seja motivados por fatores outros que aqui não foram abordados, as experiências carnavalescas vivenciadas em meio à folia do bloco Pacotão continuaram a ter na política a “matéria prima” para sua carnavalização. O fato de o país ter passado a ser governado por um presidente de um dos campos das esquerdas, não significou abalos abruptos na forma de se fazer carnaval da *Sociedade Armorial, Patafísica e Rusticana*. É bem verdade que alguns foliões deixaram de participar da festa na medida em que suas convicções políticas não mais convergiam com a proposta crítica do bloco, o que não ocorreu exclusivamente em função da chegada de Lula à Presidência da República.

Mas agora é necessário buscar compreender a forma como os temas do carnaval do Pacotão passaram a contemplar a cena política de sua cidade. E neste entendimento, faz-se necessário sondar sentidos para a forma como as relações sociais e políticas de Brasília influenciaram no processo de reconfiguração do próprio festejo. Nos primeiros anos após a redemocratização, o bloco não costumava utilizar personagens pinçados da cena política brasiliense, ou seja, do cenário local, como objeto de sua derrisão. Na medida em que a capital conquistava sua autonomia política, personagens da vida pública brasiliense se transformavam em temas do carnaval do Pacotão. No próximo subitem serão apresentados alguns dos ilustres políticos da urbe que tiveram suas imagens representadas na folia pacotense.

---

<sup>110</sup> O Pacotão não sobe a rampa – composição (autor desconhecido).

#### 4.4 – Brasília cria o Pacotão; o Pacotão recria o carnaval de Brasília.

Antes da criação do Pacotão, existiram em Brasília outros blocos de carnaval de rua,<sup>111</sup> que surgiram como alternativas aos bailes carnavalescos realizados nos clubes da cidade.<sup>112</sup> Dentre as agremiações que precederam a *Sociedade Armorial, Patafísica e Rusticana*, merecem destaque o bloco *Pé grande* e o *Cacique* – ambos realizavam seus desfiles na Asa Sul, conforme destacado por Paulão.<sup>113</sup> Não obtive maiores informações acerca dessas agremiações, o que não anulou a validade da informação prestada pelo folião-narrador. Como é sabido, nem toda história pode ser compreendida a partir do suporte da escrita. O conhecimento histórico construído a partir da análise de narrativas orais, e no presente caso, da análise da rememoração de dois dos principais foliões – responsáveis por colocar o bloco na avenida nos dias atuais – trabalhando com suas experiências festivas junto ao bloco, possibilitou-me o acesso a informações não possíveis de ser encontradas por meio de fontes escritas e, ou, imagéticas.

A proposta de trabalhar com fontes oriundas de suportes diversificados possibilitou a essa abordagem adentrar nas especificidades da folia que provavelmente não seriam acessadas caso eu aderisse à iniciativa de trabalhar com apenas um tipo de fonte. As observações de Walter Benjamin acerca da necessidade de se escrever a história a *contrapelo* (BENJAMIN, 1987: 225) influenciaram nessa tomada de decisão. Benjamin também observa que *o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes* (BENJAMIN, 1987: 201). Seja relatando as suas próprias experiências, seja relatando as experiências incorporadas de outros foliões, os narradores que se prontificaram a fornecer suas versões para esta história, fizeram-no sem o compromisso de revelar supostas verdades sobre a mesma. Sendo sempre produtivo ressaltar que mesmo que os foliões pretendessem falar verdades sobre o bloco, suas narrativas não passariam de visões e versões individualizadas de uma mesma história, quer dizer, seriam, antes de tudo, mais uma representação da folia que se articula, claro, com a história coletiva da agremiação e dela faz parte.

---

<sup>111</sup> Entrevista com Paulão.

<sup>112</sup> Os bailes de carnaval em clubes como o Iate e o Minas Brasília Tênis Clube eram considerados tradicionais na folia momesca brasiliense. Ambos são clubes surgidos com o nascimento da cidade, em 1960.

<sup>113</sup> Entrevista com Paulão.

A partir de janeiro de 1991, ano em que Joaquim Domingos Roriz torna-se o primeiro governador eleito pelo voto direto em Brasília, a cidade ganha sua autonomia política. Com esta autonomia legitimada, alguns nomes passam a ocupar lugar de destaque nos assuntos da política local. Dentre eles, o de Joaquim Roriz merece ser destacado. Além de ter sido governador nomeado do Distrito Federal entre os anos de 1988/1990 e depois eleito 1991/1995, 1999/2002, também foi eleito Senador da República nas eleições de 2006, cargo ao qual renunciou após denúncias de corrupção. Os motivos que levaram Roriz a tal renúncia, em julho de 2007, foram tematizados e cantados pelo Pacotão, no carnaval de 2008:

*A bezerra de Roriz,  
É de ouro  
A bezerra de Roriz,  
Faz milagre  
A bezerra de Roriz,  
É tem pedigree  
Ela é filha de boi ladrão  
A bezerra de Roriz,  
Dá voto  
A bezerra de Roriz,  
Dá lote  
Ele é filha de boi ladrão.<sup>114</sup>*

Por meio da Operação Aquarela, deflagrada pela Polícia Civil do Distrito Federal no ano de 2007, conversas a respeito da partilha de dinheiro entre Joaquim Roriz e Tarcísio Franklin, ex-presidente do Banco de Brasília BRB, e que na época era suspeito de participar de um esquema de desvios de recursos público e lavagem de dinheiro, foram gravadas com ordens judiciais. O suposto esquema ainda envolvia o empresário Constantino de Oliveira que, de acordo com informações prestadas pela assessoria de Roriz na ocasião, apenas havia emprestado R\$ 300 mil ao Senador, que pretendia comprar uma Bezerra. Como se pode ver, o Pacotão não tardou em homenagear a transação comercial bastante rentável de seu “eterno” político homenageado.

Se é possível afirmar que nos primeiros anos de existência do bloco os militares e a ditadura militar apareciam como os principais “homenageados” pela festa, pode-se também afirmar que após a abertura política, os temas constitutivos da vida política brasileira passaram a inspirar o carnaval de seu tradicional bloco. Não somente os

---

<sup>114</sup> A bezerra de Roriz – composição de Cicinho Filisteu.

políticos da capital tiveram suas imagens representadas pela agremiação. A própria realidade social da urbe se tornou matéria prima para os deboches, risos e zombarias constitutivos da festa pacotense. A título de exemplo, posso tomar os conflitos entre a PM do Distrito Federal e alguns foliões do bloco Galinho de Brasília em fevereiro de 2008, exemplo que, na verdade, já foi até abordado. Sobre o ocorrido, Joanfi relata que naquele ano o Pacotão apresentou um carnaval de pura provocação à Polícia Militar:

*Nós reafirmamos a postura de bloco crítico, quando ameaçamos não sairmos, em função da **violência** contra o Galinho. Aí foi uma comoção na cidade, foi mídia nacional, bom! O bloco mais tradicional de Brasília, o Pacotão, não vai sair por causa da violência. Daí, as autoridades tiveram de ir prá lá, né, prá concentração do Pacotão, pra dar garantias de que não haveria [**violência**] de que a Polícia Militar estaria lá prá auxiliar, né? Mas a cidade ficou amendrotada com aquilo do Galinho. E as pessoas queriam sair no Pacotão, mas, bom! Eles bateram no Galinho que é um bloco pacífico, né? Imagine no Pacotão, que vai achincalhar, vai encher o saco (...) Foi um carnaval de pura provocação à Polícia Militar[**feito pelo Pacotão, naquele ano, após o episódio com o Galinho**].<sup>115</sup>*

Brasília, sua realidade social e política, desde a década de noventa até os carnavais atuais, não mais deixou de aparecer como tema carnavalesco do Pacotão. Talvez este redirecionamento das críticas do bloco para a política local tenha, em alguma proporção, apaziguado as divergências entre os membros da agremiação.

Os conflitos pela apropriação dos espaços físicos da urbe – conforme já colocado – também influenciaram na forma como se configurou, e reconfigurou, os princípios geradores da folia pacoteira. Sobre o assunto, a fala do narrador Paulão é bastante esclarecedora:

*Já no advento do último governo Roriz, eles já estavam com a intolerância de acabar o carnaval às dez horas da noite [**limite de horário**]. Reclamação de alguns vizinhos, não é? Diziam que os foliões sujavam muito a quadra, urinavam embaixo do bloco e tal. Isso, na verdade, porque os setores vinculados à cultura e ao turismo da cidade não se preocupavam em colocar banheiros públicos ali. Poderia facilmente equacionar o problema (...) As autoridades nunca pensaram em colocar banheiros químicos, públicos.<sup>116</sup>*

---

<sup>115</sup> Entrevista com Joanfi.

<sup>116</sup> Entrevista com Paulão.

É possível depreender de tal fala que os conflitos durante a realização da festa não se deram, e não se dão, apenas entre os órgãos do governo local e os foliões do bloco, entre os dirigentes, entre estes e os foliões, conforme já argumentado. Do mesmo modo como existem, e existiram, moradores foliões que se juntaram, e se juntam, à folia, também sempre existiram, e existem, moradores contrários à realização do festejo.

Em função dessa postura contrária de alguns moradores, ao longo desses trinta e dois anos de história da agremiação, vários foram os locais por onde o desfile passou, bem como os locais de seu desfecho. O ponto de concentração inicial da folia, na entrequadra 302/303 Norte, bem como a realização de parte do desfile na avenida W3 Norte e Sul, nunca mudaram. Hoje, por exemplo, o bloco sai de seu local de concentração histórica, entra na W3 Norte e termina seu desfile na W3 Sul, na quadra 504. Mas em anos anteriores, o bloco saía da Asa Norte, entrava na W3, rumando para a comercial da 402 e 403 Sul. Antes da adoção do local atual de desfecho da folia, o desfile terminava na entrequadra 203/204 Sul. Tais mudanças foram realizadas com o objetivo de amenizar os conflitos com os moradores das quadras residenciais, por onde desfila o bloco. Seja pela alegação do barulho que traz a festa, seja pela alegação da sujeira que deixam os foliões por onde passa a agremiação.<sup>117</sup> O que fica dessa discussão é que existem moradores da cidade a favor do bloco, e muitos deles são os foliões que o constituem, e moradores intolerantes a essa manifestação carnavalesca. E, mesmo que existam partidários e não partidários da folia, o bloco acaba operando como um vetor de identificação da festividade carnavalesca da Capital Federal.

Sim, o bloco foi fundado em Brasília! A tendência fortemente politizada do mesmo, talvez não seja exagero afirmar, está, em alguma medida, relacionada tanto às características históricas do contexto em que a agremiação surgiu, quanto pelas características sociais e político-espaciais da cidade em que a mesma foi fundada. A partir da criação do Pacotão, Brasília passou a contar com uma manifestação popular carnavalesca que tematiza, com humor, os assuntos da vida político-administrativa nacional e local, colaborando com o surgimento de outras representações do carnaval brasileiro, como o Galinho, amedrontando e satirizando pessoas e grupos envolvidos com o poder político-institucional. Assim, posso entender que, num universo de conflito e ambiguidade, ocorreu uma relação de mão dupla entre a cidade e a *Sociedade*

---

<sup>117</sup> Entrevista com Paulão.

*Armorial, Patafísica e Rusticana*, isto é: Brasília criou o Pacotão e este recriou e recria Brasília, carnavalizando-a!

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



Imagem 21 – Estandarte do bloco.

Analisando as configurações e reconfigurações, rupturas, permanências e alternâncias das experiências carnavalescas vivenciadas em meio à folia do bloco Pacotão, pude entrar em contato com contextos políticos e sociais diversificados. Não somente a cidade, mas o próprio País foi representado pelas lentes bem humoradas de foliões que em meio a disputas, conflitos, harmonias e negociações, forjaram as suas representações, pinçando os aspectos de cada contexto histórico analisado. Procurei seguir não a ordenamentos cronológicos de caráter linear. Sempre que julgava serem instrutivas para o tema abordado, situações sobre a trajetória do bloco eram incorporadas ao texto, não sem que antes, uma articulação com o eixo da pesquisa fosse estabelecida.

Nos dois primeiros capítulos, revelei os caminhos percorridos na construção do objeto investigado e estabeleci a fundamentação teórica do trabalho. Nos dois últimos capítulos, procurei evidenciar como foram constituídas as características da folia, bem como suas reconfigurações ao longo dos anos, o que me possibilitou analisar o processo de constituição do Pacotão enquanto tradição do carnaval brasileiro. Para chegar ao entendimento de que a *Sociedade Armorial, Patafísica e Rusticana* havia se tornado uma tradição da folia de Momo na capital, enfatizei que tal representação não se legitimava somente em função do bloco desfilar há trinta e dois anos nas ruas e avenidas

de uma cidade que ainda se encaminha para seu primeiro cinquentenário. Destaquei que as características que instituem a folia carnavalesca praticada pelo bloco – sempre reconfiguradas, re-atualizadas, modificadas em função da dinâmica social de cada contexto histórico, cultural e político que possibilitou e possibilita sua produção – configuram aquilo que Benjamin chamou de ponto nodal da história, quer dizer, o ponto onde se aglutinam as experiências do passado e do presente, a partir de suas articulações com a memória individual e coletiva compartilhada (BENJAMIN, 1987).

Sondar sentidos para a história do bloco Pacotão, significou acessar múltiplas experiências festivas, significou acessar memórias de carnavais experienciados e representados por sujeitos sociais responsáveis por dar-lhe vida. Seja criticando o poder político constituído, seja reproduzindo-o, por meio do humor debochado, as disputas e embates travados pelos moradores da cidade em sua realidade diária, o Pacotão pode ser visto como uma manifestação cultural ambígua (CHAUÍ, 1985: 122): espaço para a prática da folia carnavalesca, espaço para expressão de posicionamentos político-ideológicos diversificados, instituição não institucionalizada, tradição e mudança permanente no seu interior, espaço de poder e espaço de riso, entre outros.

Nas palavras do folião Paulão, *o Pacotão é o papel higiênico da história*.<sup>118</sup> Aqui, por mais uma vez, torna-se possível verificar a ambiguidade que atravessa o fazer carnavalesco da *Sociedade Armorial, Patafísica e Rusticana*. Ambíguo, pois pode ser ao mesmo tempo um bloco de sujões, isto é, um bloco que incomoda as pessoas que por ele são “homenageadas”, haja vista a possibilidade de poder sujar suas imagens perante a nação, e do mesmo modo ser representado como o papel higiênico que se prontifica a limpar as sujeiras deixadas pela corrupção política no Estado brasileiro. Conforme assinala Chauí, ambiguidade é a forma de existência dos objetos da percepção e da cultura, percepção e cultura sendo, elas também, ambíguas, constituídas não de elementos ou de partes separáveis, mas de dimensões simultâneas (CHAUÍ, 1985: 123). Nesse sentido, o bloco Pacotão deve ser entendido como relação. A percepção de cada morador da cidade, de cada folião que da agremiação se apropria, está diretamente associada ao tipo de relação que o mesmo estabelece com o bloco. Por serem diversas estas formas de apropriação, o bloco, como acima apontado, revela-se enquanto uma manifestação cultural ambígua.

---

<sup>118</sup> Entrevista com o Paulão.

Em suma, entendo que essa tradicional, polêmica, irreverente e histórica agremiação, tornou-se vetor identitário de uma cultura brasiliense diversa e plural, dinâmica, em constante estado de construção e reconfiguração.

Vida longa a folia, pois como é sabido: A festa não pode parar!



Imagem 22 – Paulão e a nova geração do Pacotão

## BIBLIOGRAFIA

### Referência bibliográfica:

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro. Edit, FGV. 5ª Ed. 2002.

BARROS, José D'Assunção. *Cidade e história*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. SP: Brasiliense, 1987.

BOURDIEU, Pierre; MICELI, Sérgio. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

CERTEAU, Michel de. *Invenção do cotidiano: artes de fazer*. 10. Ed. Petrópolis: Vozes, 2004

CHARTIER, Roger. *A História cultural; entre práticas e representação*. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e Resistência*. Aspectos da cultura popular no Brasil. SP: Ed. Brasiliense, 1986.

DOMINGOS, Marcelo José. (...) *Muitos Porteiros e Pessoas Normais: sobre as bandas de rock em Brasília em perspectiva identitária (1982-1990)*. 2005. 162 f. Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, Departamento de História, 2005.

FILGUEIRAS, Luiz. *História do Plano Real: fundamentos, impactos e contradições*. São Paulo. Editora, BOITEMPO; 2000.

GASPARI, Elio. *A ditadura encurralada*. São Paulo. Companhia das letras, 2004.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan; 1973.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História*. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras; 1990.

MAFFESOLI, Michel. *A conquista do presente*. São Paulo: Editora, Rocco, 1984.

GURGEL, Antonio de Pádua e FLEISHER, David. *O Brasil vai às urnas*. Retrato da campanha presidencial. Brasília, Thesaurus, 1990.

MARTINS, José de Souza. Org. *Henri Lefebvre: O retorno à Dialética*. São Paulo, 1996.

MATOS, M. Izilda S. *Ancora de emoções: Poética e Música em Dolores Duran*. In: ERTZOGUE, Marina Haizenreder & PARENTE, Temis Gomes (Orgs). *História e Sensibilidade*. Brasília: Paralelo 15, 2006.

MATTA, Roberto da. *O que faz o brasil, Brasil?!*. 12. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.  
\_\_\_\_\_. *Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro*. 3. ED. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. São Paulo. Editora UNESP, 2003.

NEGRÃO DE MELLO, Maria T. *Cascariguindum: cotidiano, cidadania e imaginário na obra de Adoniran Barbosa*. In: MENEZES, Albene M. (Org). *História em Movimento (temas e perguntas)*. Brasília: Thesaurus, 1997.

NUNES, José Walter. *Patrimônios subterrâneos em Brasília*. São Paulo. Editora, Annablume; 2005.

\_\_\_\_\_. *Campo e Cidade na Memória Popular*. São Paulo, USP; 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

\_\_\_\_\_. *Em busca de uma Outra história: Imaginando o Imaginário*. In: Representações; Revista brasileira de História. São Paulo. Editora, Contexto. Vol. 15, nº 29; 1995.

POSSAMAI, Zita Rosane. *Narrativas fotográficas sobre a cidade*. Revista brasileira de História. São Paulo: vol. 27, nº 53; 2007.

RIBEIRO, Sandra Bernardes. *Brasília: memória, cidadania e gestão do patrimônio cultural*. São Paulo; 1ª Edição. Annablume Editora, 2005.

SEABRA, O. C. L. A Insurreição do Uso. In: Henri Lefebvre. (Org.). Henri Lefebvre e o retorno a dialética. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SERPA, Ângelo. *O espaço público na cidade contemporânea*. São Paulo; Editora, Contexto, 2007.

SILVA, Patrícia Nogueira. *Enredos cariocas em palavras cantadas: A cidade do Rio de Janeiro do séc. XX nas representações de Noel Rosa e Chico Buarque*. Dissertação de mestrado defendida no programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, UnB. 2005.

SINOTI, Marta Litwinczik. *Quem me quer, não me que: Brasília, Metrópole-Patrimônio*. São Paulo: Annablume, 2005.

SIQUEIRA, Euler D. *Antropologia: uma introdução*. 2007. Edição em formato, pdf; Adobe Reader.

SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso; Estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

**Bibliografia complementar:**

BRITO, Eleonora Zicari Costa de. *O campo historiográfico*. Entre o realismo e as reapresentações. Revista Universitas. Brasília: UniCEUB, v. 1, p. 9-24, 2003.

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: história e imagem*. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru- SP: EDUSC, 2004.

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Tradução de Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2000, (Coleção Rumos da cultura moderna, v.52).

CATROGA, Fernando. Memória e História. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *Fronteiras do Milênio*, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001, p.43-63.

CERTEAU, Michael de. *A operação historiográfica*. In: *A Escritura da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982, (Coleção Vanguarda Teórica), p.65-119.

ELIAS, Norberto. *O Processo Civilizador*. Uma história dos costumes. Vol. 1, Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. História da violência nas prisões. 10ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. 23. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

GINZBURG, Carlo. *Raízes de um paradigma indiciário*: In: *Mitos, emblemas e sinais. Morfologia e História*. São Paulo: Cia das letras, 1987, p.143-179

HALBAWCHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laís Teles Benoir. São Paulo, Centauro, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 3. ed. Rio de Janeiro: DP e A, 1999

HELLER, Agnes e FEHÉR, Ference. *A Condição Política Pós-Moderna*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1998.

HOBBSAWM, Eric. O que a história tem a dizer-nos sobre a sociedade Contemporânea? In: *Sobre história*. Tradução de Cid knipel Moreira. São Paulo: Companhia das letras, 1998, p. 39-47.

JODELET, Denise. “Representações sociais: um domínio em expansão” In: Denise Jodelet (org.) *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2001.

MAFFESOLI, Michel. *A conquista do Presente*. Rio de Janeiro: Rocco. 1984.

WOODWARD Kathryn. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual” In: Tomaz Tadeu da Silva (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

VEYNE, Paul. *Acreditaram os gregos nos mitos?* Lisboa: Edições 70, 1987.

\_\_\_\_\_. *Como se escreve a história*. Foucault revoluciona a história. Tradução de Alda Baltazar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4. Ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2008.

ZACCUR, Edwiges. “Metodologias abertas a iterâncias, interações e errâncias cotidianas” In: GARCIA, Regina Leite (org.). *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

**Sites consultados:**

<http://veja.abril.com.br/blogs/reinaldo/2008/12/cueca-literatura-e-politica.html>

<http://www.pmdf.df.gov.br/Default.asp?pag=noticia&txtCodigo=2249>

[http://www.brasiliatur.com.br/pacotao\\_joanfi.htm](http://www.brasiliatur.com.br/pacotao_joanfi.htm)

**Fontes documentais:**➤ **Fotográficas:**

- ✓ Arquivo pessoal de Irone Queiroz
- ✓ Fotografias do arquivo do Jornal Correio Braziliense

➤ **Escritas:**

- ✓ Jornal Correio Braziliense
- ✓ Encarte do primeiro LP gravado pelo bloco (1985), contendo a síntese da história da agremiação.
- ✓ Artigo sobre a história das primeiras décadas do bloco escrito por Moacyr de Oliveira Filho.

**Fontes orais:**

- ✓ Produção de suas entrevistas.